



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CONSELHO UNIVERSITÁRIO
CÂMARA SUPERIOR DE PÓS-GRADUAÇÃO

RESOLUÇÃO Nº 08/2022

Aprova a nova redação do Regulamento do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Animal, em Nível de Mestrado, do Centro de Saúde e Tecnologia Rural – CSTR da Universidade Federal de Campina Grande, e dá outras providências.

A Câmara Superior de Pós-Graduação do Conselho Universitário da Universidade Federal de Campina Grande, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais,

Considerando a Resolução nº 03/2016 desta Câmara, que trata do Regulamento Geral dos Cursos e Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, no âmbito da UFCG, e

À vista das deliberações do plenário, em reunião realizada no dia 15 de junho de 2021, (Processo SEI nº 23096.064134/2021-75)

RESOLVE:

Art. 1º Aprovar a nova redação do Regulamento do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Animal, Nível de Mestrado, do Centro de Saúde e Tecnologia Rural – CSTR da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

Parágrafo único. O Regulamento do Programa e a Estrutura Curricular a que se refere o *caput* deste artigo passam a se reger pelo exposto no texto constante na presente Resolução, na forma dos Anexos I e II.

Art. 2º Fica revogada a Resolução nº 04/2014 desta Câmara.

Art. 3º A presente Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

Câmara Superior de Pós-Graduação do Conselho Universitário da Universidade Federal de Campina Grande, em Campina Grande, 04 de agosto de 2022.

MÁRIO EDUARDO RANGEL MOREIRA CAVALCANTI MATA
Presidente



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CONSELHO UNIVERSITÁRIO
CÂMARA SUPERIOR DE PÓS-GRADUAÇÃO
(ANEXO I DA RESOLUÇÃO Nº 08/2022)

REGULAMENTO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO “*STRICTO SENSU*” EM CIÊNCIA
ANIMAL – NÍVEL DE MESTRADO

TÍTULO I
DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

CAPÍTULO I
DA NATUREZA E DOS OBJETIVOS DO PROGRAMA

Art. 1º O Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Animal, com Mestrado em Ciência Animal e área de concentração em Produção e Sanidade Animal, do Centro de Saúde e Tecnologia Rural – CSTR da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, tem, como base principal, a infraestrutura física e de recursos humanos do CSTR.

Art. 2º Seus objetivos gerais são a formação ampla e aprofundada de professores e profissionais para atuarem na elaboração e difusão do saber, no desenvolvimento das Ciências Agrárias e na produção e difusão do conhecimento, na área de Produção e Sanidade Animal, de acordo com o que dispõem:

- I – a Legislação Federal de Ensino Superior;
- II – o Estatuto e o Regimento Geral da UFCG;
- III – o Regulamento Geral dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UFCG; (Resolução nº 03/2016 da Câmara Superior da Pós-Graduação da UFCG);
- IV – o presente Regulamento.

TÍTULO II
DA ORGANIZAÇÃO E DO FUNCIONAMENTO

CAPÍTULO II
DA ORGANIZAÇÃO DO PROGRAMA

Art. 3º Integrarão a organização didático-administrativa dos Programas de Pós-Graduação em Ciência Animal:

- I – um Colegiado, como órgão deliberativo;
- II – uma Coordenação como órgão executivo do Colegiado;
- III – uma Secretaria como órgão de apoio administrativo;
- V – a Câmara de Pós-Graduação.

Art. 4º A constituição e atribuições dos órgãos responsáveis pela organização didático-administrativa da Pós-Graduação em Ciência Animal são as definidas pelos órgãos competentes da Universidade Federal de Campina Grande, através das normas em vigor (Resolução nº 03/2016 da Câmara Superior de Pós-Graduação – CSPG da UFCG).

§ 1º A Câmara de Pós-Graduação, subordinada ao Colegiado do Programa, terá caráter consultivo, sendo constituída por todos os Professores Permanentes do Programa e por três (03) alunos regularmente matriculados no Programa, sob a presidência do Coordenador.

§ 2º A Câmara reunir-se-á quando convocada por seu Presidente.

§ 3º Compete, à Câmara, opinar sobre qualquer matéria que vise ao disciplinamento de artigos da Resolução nº 03/2016 da CSPG/UFCG e deste Regulamento, definição de normas complementares e políticas para o Programa, alterações deste Regulamento e encaminhamento de interpretações nos casos omissos, além de outras competências que lhe forem conferidas pelo Colegiado.

CAPÍTULO III DO FUNCIONAMENTO

Seção I Do Credenciamento do Corpo Docente e Da Orientação

Art. 5º O corpo docente do PPGCA, será constituído por Professores e/ou Pesquisadores, portadores do título de Doutor ou Livre Docência, classificados nas categorias de Permanentes, Colaboradores e Visitantes, conforme descrito no Artigo 22 da Resolução nº 03/2016 da CSPG da UFCG e da Portaria Nº 193, de 4 de outubro de 2011, da CAPES.

Art. 6º Para integrar o corpo docente do Programa, o Professor e/ou Pesquisador precisará ser credenciado pelo Colegiado, mediante avaliação de critérios previamente estabelecidos.

§ 1º Poderão ser credenciados Professores e/ou Pesquisadores da UFCG e de outras Instituições, desde que atendam ao que rege a Resolução nº 03/2016 da CSPG da UFCG, em seu artigo 22.

§ 2º Para ter o primeiro credenciamento, além do observado no artigo 22, e seus parágrafos, da Resolução nº 03/2016 da CSPG/UFCG, o docente/pesquisador deverá ter, pelo menos, quatro (04) trabalhos científicos publicados, nos últimos 04 (quatro) anos, considerando os critérios estabelecidos pela Resolução de Credenciamento e Recredenciamento do Programa.

§ 3º O credenciamento dos membros do corpo docente terá validade por quatro (04) anos.

§ 4º Para renovação de credenciamento, o docente/pesquisador deverá:

I – apresentar uma média de publicações na área de Zootecnia e Recursos Pesqueiros, de pelo menos um vírgula cinco (1,5) trabalhos científicos por ano, nos últimos quatro (04) anos, em revista científica, com critérios estabelecidos pela Resolução de Credenciamento e Recredenciamento do Programa;

II – ter orientado pelo menos duas (02) Dissertações ou ter co-orientado pelo menos quatro (04) Dissertações, nos últimos quatro (04) anos.

§ 5º Uma vez descredenciado, o Docente somente poderá solicitar novo credenciamento após dois (02) anos, a partir da data do descredenciamento.

Art. 7º Dentre os membros do corpo docente credenciado, será designado, para cada candidato selecionado, um Orientador, que o assistirá no ato da matrícula, na organização do plano de estudos e no desenvolvimento de todas as etapas do Projeto de Pesquisa, além de acompanhar seu rendimento escolar e de pronunciar-se em todos os processos administrativos relativos ao discente.

§ 1º A designação do Orientador será feita no ato da seleção de candidatos pela Comissão de Seleção designada pelo Colegiado, que se baseará tanto no plano do projeto de pesquisa como nas informações contidas no formulário de inscrição, acerca das linhas de pesquisa de preferência do candidato para desenvolver a pesquisa.

§ 2º O plano de estudo, citado no *caput* deste artigo, abrangendo a previsão de disciplinas a serem cursadas pelo aluno, durante todo o Programa, deverá ser entregue na Coordenação do Programa, por ocasião da primeira matrícula.

§ 3º A depender do tema do projeto de pesquisa, o Orientador poderá indicar um segundo Orientador, pertencente ou não ao quadro de docentes da UFCG, mas previamente credenciado pelo Programa.

§ 4º No caso de o Orientador ausentar-se da Instituição, por período superior a três meses, ou pertencer a outro *Campus* ou a outra Instituição, o Coordenador poderá fazer a indicação de um segundo Orientador, credenciado pelo Programa.

§ 5º A indicação de que tratam os §§3º e 4º deste artigo deverá ser feita de comum acordo entre o(s) orientador(es) e o aluno.

Art. 8º A mudança de orientação poderá ser feita através de solicitação ao Colegiado do Programa tanto pelo Orientador quanto pelo aluno, anexando justificativa.

§ 1º O aluno poderá requerer, uma única vez, mudança de orientador, anexando justificativa de sua pretensão.

§ 2º Em caso de mudança, o Orientador anterior deverá passar ao seguinte todos os dados e informações sobre o orientado.

Seção II
Da Admissão ao Programa
Subseção I
Da Inscrição e Da Seleção

Art. 9º A admissão ao PPGCA far-se-á após aprovação e classificação em processo de seleção, ressalvado o disposto nos Incisos X e XI do artigo 15 da Resolução nº 03/2016 da CSPG da UFCG.

§ 1º Poderão ser admitidas transferências de alunos de Mestrado desta ou de outras IES, oriundos de Programas de Pós-Graduação similares ou idênticos aos mesmos, a critério do Colegiado, desde que haja vaga e disponibilidade de Orientador para estes Programas, conforme as normas estabelecidas no Regimento Geral da UFCG, na Resolução nº 03/2016/CSPG/UFCG e neste Regulamento.

§ 2º Poderão inscrever-se para a seleção, portadores de diploma de cursos, de nível superior, pertencentes a Grande Área das Ciências Agrárias, a critério do Colegiado do Programa.

§ 3º O processo seletivo será de competência do Colegiado do Programa, com base nos seguintes critérios:

I – análise de documentos pessoais, com ênfase no *Curriculum Vitae* e Histórico Escolar do candidato e cartas de referências;

II – prova escrita de conhecimento;

III – entrega do pré-projeto de pesquisa;

IV – entrevista com os candidatos.

§ 4º De acordo com o Colegiado, os candidatos poderão ser submetidos a outros critérios de avaliação.

Art. 10. O Colegiado do Programa fixará, em Edital de inscrição, os prazos e o número de vagas, respeitando as disponibilidades de Orientadores e a estrutura do Programa.

Parágrafo único. Previamente ao Edital de que trata o *caput* deste Artigo, a Coordenação do Programa solicitará à área de concentração a disponibilidade de professores Orientadores, dentro de suas respectivas linhas de pesquisa.

Art. 11. Para a inscrição dos candidatos à seleção do Programa, exigir-se-ão:

I – Documentos Pessoais: CPF e documento de identidade oficial e, no caso de estrangeiros, passaporte (cópias autenticadas);

II – Diploma de Graduação nos Cursos da Grande Área de Ciências Agrárias, ou documento equivalente, que comprove estar o candidato em condições de ser graduado antes de iniciado o Curso, ficando a matrícula condicionada à comprovação de conclusão do Curso de Graduação (cópias autenticadas);

III – cópia do Histórico Escolar da Graduação;

IV – “*Curriculum Vitae*” modelo Lattes – CNPq, com documentos comprobatórios em anexo, dos últimos 5 (cinco) anos;

V – proposta de trabalho (Pré-Projeto), que deve conter os seguintes itens: Título; Justificativa (Problema); Objetivos; Material e Métodos; Referências Bibliográficas (conforme normas da ABNT), com, no máximo, 5 (cinco) páginas.

§ 1º A Secretaria do Programa deferirá o pedido de inscrição, à vista da regularidade da documentação apresentada.

§ 2º Se, à época da inscrição, o candidato ainda não houver concluído o curso de Graduação, deverá apresentar documento, comprovando estar em condições de concluí-lo antes de seu ingresso no Programa.

Art. 12. A seleção dos candidatos inscritos estará a cargo de uma Comissão de Seleção, designada pelo Colegiado, composta de, pelo menos, três (03) professores credenciados.

Parágrafo único. A Comissão de Seleção basear-se-á em normas complementares de seleção aprovadas pelo Colegiado.

Art. 13. O processo de seleção será cumulativamente eliminatório e classificatório.

Subseção II Da Matrícula

Art. 14. O candidato aprovado e classificado na seleção deverá efetuar sua matrícula prévia na Secretaria do Programa, dentro dos prazos fixados no calendário escolar, apresentando cópia autenticada de todos os seus documentos pessoais.

§ 1º Por ocasião da matrícula prévia, o aluno receberá um número de inscrição, que o identificará como aluno regular da UFCG.

§ 2º Por ocasião da matrícula prévia, o aluno deverá apresentar à Coordenação do Programa seu plano de estudos, abrangendo a previsão de disciplinas a serem cursadas durante todo o Programa, com sua assinatura e a do Orientador.

§ 3º A não efetivação da matrícula prévia, no prazo fixado, implicará a desistência do candidato em matricular-se no Programa, perdendo todos os direitos adquiridos pela aprovação e classificação no processo de seleção.

§ 4º Os candidatos inscritos na seleção, na forma do disposto no §2º do artigo 11 deste Regulamento, deverão, no ato da primeira matrícula em disciplinas, satisfazer a exigência do inciso III, caso contrário, tornar-se-á sem efeito a sua matrícula prévia.

Art. 15. Na época fixada no calendário escolar, antes do início de cada período, o aluno fará sua matrícula na Coordenação do Programa, em disciplinas e/ou em atividades de elaboração do Projeto de Pesquisa, registrado como “Trabalho de Dissertação”, tendo essa atividade, obrigatoriamente, o visto do Orientador e a assinatura do aluno.

§ 1º Não será permitida, no período de integralização do Programa, a matrícula em disciplinas em que o aluno já tenha sido aprovado.

§ 2º O aluno deverá se matricular em Trabalho de Dissertação no período seguinte, após a conclusão dos créditos exigidos para integralização do Programa.

§ 3º Para efeito do disposto no *caput* deste artigo, o trabalho Final será considerado como disciplina, constando, no Histórico Escolar do aluno, a expressão Trabalho de Dissertação, observando o disposto no parágrafo único da Resolução nº 03/2016/CSPG/UFCG.

Art. 16. A Coordenação poderá exigir do candidato selecionado o cumprimento, em prazo que lhe for fixado, de estudos complementares, inclusive disciplinas de graduação, concomitantemente ou não às atividades do Programa e sem direito a crédito, porém com direito a certificado.

Parágrafo único. O tempo utilizado pelo candidato selecionado, no cumprimento de estudos complementares, de que trata o *caput* deste Artigo, não poderá ultrapassar o primeiro período letivo do seu ingresso, de acordo com o calendário escolar elaborado pelo Programa.

Art. 17. Poderá ser admitido, como aluno especial, de acordo com a Resolução nº 03/2016/CSPG/UFCG, a critério do Colegiado do Programa, profissional graduado ou, em casos excepcionais, aluno de graduação da UFCG, que tenha cursado um mínimo de 80% dos créditos da graduação.

§ 1º A aceitação de aluno especial dependerá de parecer do Professor responsável pela disciplina que ele deseja cursar, com base em análise curricular e condicionada à existência de vagas na disciplina após, matriculados os alunos regulares.

§ 2º Para se tornar um aluno regular, o interessado terá que se submeter e ser aprovado no processo de seleção de que tratam os artigos 10 a 14 deste Regulamento.

§ 3º O aluno especial somente poderá cursar um máximo de oito (8) créditos.

§ 4º As disciplinas cursadas por aluno especial poderão ser objeto de aproveitamento de estudos, nos termos do artigo 49 da Resolução nº 03/2016/CSPG/UFMG, devendo o resultado da análise ser registrada no histórico escolar do aluno regular, no mesmo período da homologação pelo Colegiado.

Subseção III **Procedimentos para Trancamento de Matrícula,** **Interrupção de Estudos e Prorrogações de Prazos**

Art. 18. Será permitido o trancamento da matrícula em uma ou mais disciplinas, desde que ainda não se tenha integralizado 30% das atividades previstas para a disciplina, salvo caso especial, a critério do Colegiado.

§ 1º O pedido de trancamento de matrícula solicitado no prazo fixado pelo Programa, em conformidade com o Calendário Escolar, em uma ou mais disciplinas, deverá ser feito por meio de um requerimento justificativo feito pelo aluno e dirigido ao Coordenador do Programa, com o visto do Orientador.

§ 2º É vedado o trancamento de matrícula, mais de uma vez, na mesma disciplina, salvo casos excepcionais, a critério do Colegiado do Programa.

Art. 19. O trancamento de matrícula em todo o conjunto de disciplinas de um período letivo corresponderá à interrupção dos estudos e só será permitido em caráter excepcional, por solicitação do aluno e justificativa expressa do Orientador, a critério do Colegiado do Programa.

§ 1º O tempo de interrupção de estudos de que trata o *caput* deste artigo não será computado no tempo de integralização do Programa.

§ 2º O prazo máximo de interrupção de estudos permitido será de, no máximo, dois (02) períodos letivos, consecutivos ou não.

§ 3º O trancamento concedido deverá ser, obrigatoriamente, registrado no Histórico Escolar do aluno, com a menção "Interrupção de Estudos" acompanhada do(s) período(s) letivo(s) de ocorrência e da data de homologação pelo Colegiado do Programa.

§ 4º Aprovado o trancamento de matrícula, caso o aluno seja bolsista sob controle da Coordenação do Programa, perderá, automaticamente, a bolsa de estudos, a qual poderá ser remanejada para outro aluno.

§ 5º Admitir-se-á o cancelamento de matrícula, em qualquer tempo, por solicitação do aluno, correspondendo à sua desvinculação do Programa.

Art. 20. A prorrogação de prazo para defesa do trabalho de Dissertação, pode ocorrer por até 6 (seis) meses, contados a partir do prazo máximo de 24 (vinte e quatro meses) para conclusão do Mestrado, estabelecido no §2º do artigo 11 da CSPG.

§ 1º A solicitação de prorrogação deve ocorrer em até 3 (três) meses antes de completar os 24 (vinte e quatro) meses.

§ 2º Para a solicitação de prorrogação, é necessário que o aluno tenha cumprido todos os créditos e obrigações curriculares, faltando apenas a defesa do trabalho de Dissertação.

§ 3º Após completar os 30 (trinta) meses, considerando os 24 (vinte e quatro) meses do prazo máximo para defesa e os 06 (seis) meses do período de prorrogação, se não houver ocorrido a defesa, o aluno será desligado do Programa.

§ 4º Até 30 (trinta) dias antes de encerrar o prazo de 30 (trinta) meses, o discente pode solicitar uma nova prorrogação de prazo diretamente à Câmara Superior de Pós-Graduação – CSPG.

Seção III Do Regime Didático-Científico

Subseção I Da Estrutura Curricular

Art. 21. Os limites mínimos de créditos para a integralização do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal serão de 24 (vinte e quatro) créditos.

Parágrafo único. Não serão computados, nesses limites, os créditos atribuíveis a atividades de elaboração e defesa do Trabalho Final.

Art. 22. Cada crédito corresponde a 15 horas de aulas teóricas ou 30 horas de aulas práticas.

Art. 23. O Programa de Pós-Graduação abrangerá disciplinas obrigatórias, eletivas da área de concentração e de formação complementares, indicadas no Anexo I deste Regulamento, com os respectivos números de créditos, carga horária, pré-requisitos e ementas.

Parágrafo único. Todas as disciplinas com títulos “Tópicos Especiais” terão, quando oferecidas, um subtítulo que definirá melhor seu conteúdo, número de créditos, ementa, programa e bibliografia, previamente organizados pelo professor ministrante e aprovados pelo Colegiado do Programa.

Art. 24. A Coordenação organizará a oferta de disciplinas para cada período letivo, obedecendo o cronograma do Programa, de acordo com o seu calendário escolar.

Art. 25. Haverá dois (02) períodos letivos regulares em cada ano, oferecidos de acordo com o calendário escolar elaborado pela Coordenação do Programa.

Art. 26. A critério do Colegiado, por solicitação do Orientador, poderão ser atribuídos créditos a atividades acadêmicas a serem desenvolvidas apenas por um aluno, denominadas de Estudos Especiais, não previstos na Estrutura Acadêmica, porém pertinentes à área de concentração do aluno, até o máximo de dois (02) créditos.

§ 1º Os Estudos Especiais de que trata o *caput* deste Artigo não poderão ser incluídos no elenco de disciplinas da Estrutura Acadêmica.

§ 2º Poderão ser caracterizados como estudos especiais as seguintes atividades: elaboração de projetos; diagnósticos e levantamentos bem circunstanciados; condução de pesquisa que não seja vinculada ao Trabalho Final do aluno.

§ 3º A proposta de atribuição de créditos de que trata o *caput* deste Artigo deverá partir do Orientador, com base em um projeto devidamente detalhado, apresentado ao Colegiado do Programa, para aprovação.

§ 4º As atividades das quais trata o *caput* deste Artigo serão registradas no Histórico Escolar do aluno com a expressão “Estudos Especiais em”, acrescentando-se o tópico ou tema desenvolvido pelo aluno, o período letivo correspondente e o respectivo conceito obtido.

Art. 27. Poderão ser reconhecidos créditos em disciplinas fora da Estrutura Acadêmica, cursadas em outros programas de pós-graduação *Stricto Sensu*, até o limite de 08 (oito) créditos, desde que devidamente justificados, pelo Orientador, como indispensáveis à formação do aluno e previamente aprovado pelo Colegiado.

Art. 28. O aluno regular deverá matricular-se em dois períodos letivos subsequentes nas disciplinas Seminários I e II.

§ 1º Os Seminários serão organizados pelo Coordenador de Seminários, designado pelo Colegiado do Programa.

§ 2º Cada aluno matriculado na disciplina Seminário II terá a obrigatoriedade de apresentar um seminário versando sobre sua proposta do projeto de Pesquisa referente ao Trabalho Final de Dissertação.

§ 3º A avaliação da proposta de Trabalho Final de que trata o parágrafo anterior, será feita por uma Comissão Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa, composta de, pelo menos, três (03) professores e/ou pesquisadores da respectiva área de conhecimento dentre os quais o Orientador.

§ 4º Para a composição da Comissão de que trata o parágrafo anterior, serão ouvidos o aluno e seu Orientador.

§ 5º No ato da apresentação dos Seminários de que trata este Artigo, o aluno já deverá ter corrigido sua proposta do projeto de Pesquisa do Trabalho Final, no tocante às exigências e/ou sugestões apresentadas pela Comissão Examinadora.

§ 6º A Comissão de que trata o §3º deste Artigo deverá se fazer presente no ato da apresentação dos Seminários, quando completará sua avaliação sobre a proposta do projeto de Pesquisa do Trabalho Final do aluno, atribuindo nota nos termos do §7º do artigo 35 deste Regulamento.

§ 7º A aprovação do Projeto de Pesquisa do Trabalho Final, conforme prescrevem os §§ 3º ao 6º deste Artigo, deverá ocorrer no primeiro ano de ingresso no Programa.

§ 8º Ao término da disciplina Seminário II, o Coordenador de Seminários deverá entregar, na Secretaria do Programa, as propostas de Trabalho de Pesquisa dos discentes, devidamente assinadas pelas respectivas Comissões Examinadoras, para posterior homologação pelo Colegiado do Programa.

Art. 29. Os discentes regularmente matriculados no Programa poderão, oportunamente, cumprir o Estágio de Docência, com o objetivo de se aperfeiçoarem para o exercício da docência em nível do Ensino Superior.

Parágrafo único. O Estágio de Docência será regulamentado pelo Colegiado do Programa, obedecidas às normas vigentes na UFCG.

Subseção II

Da Verificação do Rendimento Escolar

Art. 30. Em cada disciplina, o rendimento acadêmico, para fins de registro, será avaliado pelos meios previstos na sua programação acadêmica e expressos mediante nota, variando de zero a dez.

§ 1º O rendimento será mensurado por meio de testes, exames orais e/ou escritos, seminários, entrevistas, trabalhos, projetos e participação nas atividades da disciplina.

§ 2º O Professor terá autonomia para estabelecer o tipo e o número de atividades que irão compor a avaliação, atendidas as exigências fixadas pelo Colegiado do Programa.

§ 3º O aluno que obtiver nota igual ou superior a 6,0 (seis vírgula zero) será aprovado.

§ 4º Para efeito do cálculo de média, considerada como Coeficiente do Rendimento Acadêmico – CRA, adotar-se-á a fórmula ponderada, de acordo com a seguinte correspondência:

$$CRA = \frac{\sum_{i=1}^n c_i N_i}{\sum_{i=1}^n c_i}$$

onde,

i – correspondente a uma disciplina cursada, aprovada ou não;

c_i – correspondente ao número de créditos da disciplina *i* cursada, aprovada ou não;

N_i – correspondente a nota obtida na disciplina *i* cursada, aprovada ou não;

n – correspondente ao número total de disciplinas contempladas no cálculo da média.

§ 5º A frequência será também utilizada como critério de apuração de rendimento, sendo reprovado o aluno que não atingir 85% da frequência na disciplina, atribuindo-se a nota zero para efeito do cálculo do CRA e registrado no Histórico Escolar com a letra “F”.

§ 6º Constarão no Histórico Escolar do aluno as notas obtidas em todas as disciplinas cursadas.

§ 7º Caberá ao Coordenador de Seminários atribuir nota ao aluno nas disciplinas Seminário I e II.

§ 8º O professor deverá enviar o relatório de notas e ausências dos alunos à Secretaria do Programa, no máximo 15 dias após o término do período letivo no qual a disciplina foi ministrada.

Art. 31. O aluno reprovado em qualquer disciplina obrigatória terá que repetí-la, incluindo-se apenas o segundo resultado no Histórico Escolar.

Parágrafo único. A repetição de disciplina de que trata o *caput* deste Artigo será permitida apenas uma vez.

Art. 32. A comprovação da capacidade de leitura, em língua estrangeira, de textos relacionados às áreas de concentração da Pós-Graduação basear-se-á em certificado de aprovação expedido por uma Comissão, designada, pelo Colegiado, para esse fim específico.

§ 1º O exame de suficiência em língua estrangeira deverá ocorrer no prazo máximo de 12 (doze) meses, contados a partir do ingresso do aluno no Programa.

§ 2º O exame tratado no *caput* deste artigo será realizado em cada período letivo, obedecendo ao calendário escolar elaborado pelo Programa.

§ 3º O aluno reprovado no exame de que trata o *caput* deste artigo deverá repeti-lo no período letivo subsequente.

§ 4º Os exames de proficiência em línguas estrangeiras realizados no processo seletivo poderão ser considerados como equivalentes para efeito de cumprimento do estabelecido no *caput* deste Artigo.

§ 5º O resultado desse exame constará no Histórico Escolar do aluno, com a expressão, “Aprovado” ou “Reprovado”, juntamente com o período de realização e a data de homologação pelo Colegiado.

Seção III **Do Aproveitamento de Estudos**

Art. 33. Considera-se aproveitamento de estudos, para os fins previstos neste Regulamento:

I – a equivalência de disciplinas já cursadas anteriormente pelo aluno com disciplina da Estrutura Acadêmica do Programa;

II – o aproveitamento de créditos relativos a disciplinas já cursadas anteriormente pelo aluno, mas que não fazem parte da Estrutura Acadêmica do Programa;

III – o título de Mestre.

Art. 34. A critério do Colegiado do PPGCA, poderão ser aproveitados créditos em disciplinas já cursadas, tanto na condição de aluno regularmente matriculado, ou como aluno especial em outros programas de pós-graduação *Stricto Sensu* da UFCG ou de outra Instituição de Ensino Superior – IES, ou, ainda, como aluno especial do Programa de Pós-Graduação, desde que tenham carga horária e conteúdo programáticos semelhantes aos de disciplinas da Estrutura Acadêmica do Programa.

§ 1º Poderão ser aproveitados, no máximo, 08 (oito) créditos para o Mestrado, em disciplinas cursadas como aluno especial.

§ 2º Poderão ser aproveitados créditos apenas em disciplinas nas quais o aluno tenha obtido nota igual ou superior a 7,0 (sete).

§ 3º Quando do processo de equivalência de disciplinas de que trata o *caput* deste artigo, poderá haver necessidade da adaptação curricular.

§ 4º O aproveitamento de créditos em disciplinas de que trata o *caput* deste artigo somente será feito, caso as disciplinas sejam consideradas, pelo Colegiado, de real importância para a formação do aluno.

§ 5º O aproveitamento de estudos tratado no *caput* deste artigo somente poderá ser feito, quando as disciplinas tiverem sido concluídas há, no máximo, 05 (cinco) anos.

6º Deverão, obrigatoriamente, ser registrados, no Histórico Escolar do aluno, o nome abreviado ou sigla do Programa e da IES, se for o caso, nos quais o aluno cursou a(s) disciplina(s) objeto de aproveitamento, bem como a data de homologação pelo Colegiado.

Art. 35. Quando do aproveitamento de estudos, serão observadas as seguintes normas relativas à disciplina cursada em outra IES:

I – a contagem dos créditos será feita sempre na forma disposta no artigo 22 deste Regulamento;

II – a nota obtida, que servirá para o cálculo do CRA, será anotada no Histórico Escolar do aluno, observando-se, caso necessário, a seguinte equivalência entre conceitos e notas:

- a) A = 9,5;
- b) B = 8,0;
- c) C = 6,5.

Art. 36. O aluno poderá requerer exame de suficiência em disciplinas da Estrutura Acadêmica do Programa até o limite de oito (08) créditos, devendo o requerimento ser julgado pelo Colegiado.

§ 1º A aprovação em exame de suficiência dará direito a crédito e deverá constar do Histórico Escolar do aluno com a respectiva nota.

§ 2º A reprovação em exame de suficiência deverá constar do Histórico Escolar do aluno com a respectiva nota.

§ 3º O aluno não poderá solicitar exame de suficiência em disciplina na qual tenha sido reprovado.

Seção IV Do Desligamento e Do Abandono

Art. 37. Além dos casos previstos no Regimento Geral da UFCG, será desligado do Programa o aluno que:

I – for reprovado duas vezes durante a integralização do Programa;

II – obtiver, em qualquer período letivo, o CRA inferior a seis (6,0);

III – não cumprir as obrigações previstas no artigo 14 deste Regulamento;

IV – não for aprovado nos exames de suficiência em língua estrangeira, dentro dos prazos estabelecidos pelo Regulamento Geral dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UFCG, e por este Regulamento;

V – não houver integralizado seu currículo no prazo máximo estabelecido por este Regulamento;

VI – quando ultrapassar os 24 (vinte e quatro) meses para a defesa e não solicitar prorrogação de prazo;

VII – quando solicitar e não defender a dissertação, após a prorrogação de prazo de até 06 (seis) meses para defesa;

VIII – obtiver o conceito “Reprovado” na defesa do Trabalho Final;

IX – em fase de elaboração da Dissertação, não tiver o seu desempenho aprovado, pelo Orientador, por dois (02) períodos letivos, consecutivos ou não.

Art. 38. Será considerado em situação de abandono do Programa o aluno que, em qualquer período letivo regular, não efetuar sua matrícula em disciplina(s) ou na atividade referente ao Trabalho Final, de acordo com os procedimentos definidos no artigo 14 deste Regulamento.

Parágrafo único. O disposto no *caput* deste Artigo não se aplicará ao aluno que estiver com os estudos interrompidos, na forma do artigo 19 deste Regulamento.

Seção V Do Trabalho Final

Art. 39. A Dissertação, requisito para obtenção do grau de Mestre, deverá evidenciar domínio do tema escolhido e capacidade de sistematização e de pesquisa.

Art. 40. A indicação do Orientador do aluno obedecerá aos termos do artigo 7º deste Regulamento.

Parágrafo único. Por solicitação do orientador ou do aluno, a critério do Colegiado, poderá haver mudança de orientador.

Art. 41. Dependendo do tema do trabalho final, o aluno, ouvido o Orientador, poderá requerer a indicação de outro(s) Orientador(es).

Art. 42. No caso de o Orientador ausentar-se da Instituição, por período superior a 03 (três) meses, ou pertencer a outro *Campus* ou outra Instituição, será indicado um segundo orientador, conforme critério estabelecido pelo Colegiado deste Programa.

Parágrafo único. O não cumprimento do que determina o *caput* deste artigo implicará a não aceitação do Trabalho pela Coordenação do Programa.

Art. 43. Para a defesa do Trabalho Final, deverá o aluno, dentro dos prazos estabelecidos por este Regulamento, satisfazer aos seguintes requisitos:

I – ter sido aprovado no exame de suficiência de que trata o artigo 32 deste Regulamento;

II – ter integralizado o número mínimo de créditos em disciplinas estabelecido neste Regulamento;

III – ter recomendação formal do(s) Orientador(es) para a defesa da Dissertação.

Art. 44. A Dissertação será julgada por uma Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa composta do Orientador e, no mínimo, de dois especialistas, sendo um externo ao Programa e um suplente.

§ 1º Os especialistas de que tratam os incisos I e II deste artigo deverão ser portadores do título de Doutor ou Livre Docente, sem que sejam, necessariamente docentes.

§ 2º A Comissão Examinadora escolherá, dentre seus membros, o presidente.

Art. 45. A defesa do Trabalho Final será requerida pelo Orientador ao Colegiado do Programa que designará a Comissão Examinadora e fixará a data.

§ 1º O requerimento de que trata o *caput* deste artigo deverá ter acompanhado de:

I – Ofício do Orientador, dirigido ao Colegiado, com sugestões de nomes para comporem a Comissão Examinadora, seguindo o que reza o artigo anterior deste Regulamento;

II – exemplares do Trabalho Final em número suficiente para a Comissão Examinadora.

§ 2º Caberá à Coordenação do Programa verificar se o Trabalho Final foi escrito dentro das normas do “Manual de Estrutura e Apresentação de Dissertação”, adotado pelo PPGCA.

§ 3º A data para a apresentação e defesa do Trabalho Final será fixada pelo Colegiado, ouvido o Orientador, devendo ocorrer num prazo não inferior a 30 dias, nem

superior a 60 dias, a partir do recebimento, pela Coordenação do Programa, do requerimento e seus anexos de que trata este artigo.

Art. 46. A Coordenação do Programa enviará, aos membros da Comissão Examinadora, os exemplares do Trabalho Final, juntamente com a portaria de designação e cópia de extrato deste Regulamento, tratando dos procedimentos da defesa e do julgamento do Trabalho Final.

Art. 47. A defesa do Trabalho Final será feita em sessão pública.

Art. 48. Na defesa do Trabalho Final, o aluno fará sua exposição e será arguido sobre o conteúdo do Trabalho.

Parágrafo único. Somente os membros da Comissão Examinadora poderão arguir o aluno.

Art. 49. Para o julgamento do Trabalho Final será atribuído um dos seguintes conceitos:

I – Aprovado com Distinção;

II – Aprovado;

III – Indeterminado;

IV – Reprovado.

§ 1º A atribuição do conceito “Aprovado com Distinção” restringir-se-á aos casos em que o rendimento acadêmico do aluno, a defesa e o Trabalho Final atendam a todos os requisitos expostos a seguir:

I – ter apresentado Coeficiente de Rendimento Acadêmico-CRA igual ou superior a 9,0 (nove);

II – ter demonstrado elevado grau de originalidade dos dados contidos no Trabalho Final;

III – ter contribuído de modo significativo para a solução de algum problema relevante da Produção e Ciência Animal;

IV – ter demonstrado criatividade, inovação e espírito empreendedor, durante a condução do Projeto de Pesquisa do Trabalho Final atestado pelo Orientador;

VI – ter apresentado, com alta qualidade, o Trabalho Final e respondido às arguições dos membros da Comissão Examinadora, por ocasião da defesa;

VII – serem necessárias modificações mínimas requeridas pelos membros da Comissão Examinadora, durante a defesa do Trabalho Final;

VIII – ter sido proposto, por unanimidade dos membros da Comissão Examinadora, a atribuição do conceito “Aprovado com Distinção”.

§ 2º No caso de ser atribuído o conceito “Indeterminado”, a Comissão Examinadora apresentará relatório à Coordenação do Programa, expressando os motivos da sua atribuição.

§ 3º A atribuição do conceito “Indeterminado” implicará o estabelecimento do prazo máximo de 06 (seis) meses para reelaboração e nova apresentação e defesa da Dissertação, desde que não ultrapasse o tempo máximo estabelecido no §2º, artigo 11 da Resolução 03/2016/CSPG.

§ 4º Na situação prevista no artigo anterior, não mais se admitirá a atribuição do conceito “Indeterminado”.

§ 5º Quando da nova apresentação do Trabalho Final, a Comissão Examinadora deverá ser, preferencialmente, a mesma.

Art. 50. Qualquer *status* de aprovação e a homologação do relatório final de defesa do Trabalho Final ficam condicionados à realização de eventuais correções na Dissertação, que venham a ser sugeridas pela Comissão Examinadora, e entrega do Trabalho na versão final, assinado pelos membros da Comissão Examinadora.

Art. 51. Após as devidas correções, o aluno deverá entregar, à Coordenação do Programa, duas cópias em meio eletrônico e uma cópia impressa do Trabalho Final, contendo, obrigatoriamente, a ficha catalográfica fornecida pelo Sistema de Bibliotecas da UFCG, no prazo máximo de 30 (trinta) dias após a data da defesa.

§ 1º Quando houver um segundo Orientador, que tenha participado também da Comissão Examinadora, o número de cópias impressas de que trata o *caput* deste Artigo deverá ser acrescido de uma cópia.

§ 2º A homologação, pelo Colegiado, do Relatório Final da Comissão Examinadora, tratando da defesa do Trabalho Final, somente poderá ser feita após a entrega dos exemplares na versão final.

Seção VI

Da Obtenção do Grau e Da Expedição do Diploma

Art. 52. Para a obtenção do grau, o aluno deverá, dentro do prazo regimental, ter satisfeito às exigências do Regimento Geral da UFCG, da Resolução nº 03/2016/CSPG/UFCG, e deste Regulamento.

Art. 53. A expedição e registro do Diploma serão efetuados de acordo com o disposto nos artigos 66, 67 e 68 da Resolução nº 03/2016/CSPG/UFCG, devendo a Coordenação do Programa, no prazo de 06 (seis) meses, a contar da data de homologação do relatório final do Orientador, pelo Colegiado, enviar, à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, um processo instruído, com a documentação pertinente.

§ 1º Para a expedição do diploma de Mestre, o candidato deverá apresentar, além da documentação exigida pelo parágrafo único do artigo 67, da Resolução nº 03/2016/CSPG/UFCG, uma certidão de entrega dessa documentação na Secretaria do Programa, 02 (dois) exemplares no formato digital e 01 (um) impresso da Dissertação, em sua versão definitiva.

§ 2º Um exemplar no formato digital será encaminhado pela Secretaria do Programa para a Biblioteca Setorial.

Art. 54. No Diploma, além do nome do Programa, constará a Área de Concentração.

Art. 55. Até a emissão do Diploma, a Coordenação do Programa emitirá uma Certidão ao aluno, atestando a conclusão do Curso.

Parágrafo único. A declaração de que trata o *caput* deste Artigo só poderá ser emitida, se:

I – o relatório da defesa do Trabalho Final tiver sido homologado pelo Colegiado do Programa;

II – o discente tiver feito a entrega, à Coordenação do Programa, dos exemplares do Trabalho Final de que trata o artigo 50 deste Regulamento;

III – o discente tiver feito a entrega, à Coordenação do Programa, de Certidão emitida por uma Revista Científica da área e com corpo editorial, atestando o envio de um artigo científico extraído do seu Trabalho Final, para publicação na referida Revista.

Art. 56. A Coordenação do Programa emitirá um Certificado de Honra ao aluno que tiver seu Trabalho Final aprovado com o conceito “Aprovado com Distinção”.

TÍTULO III DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 57. Ressalvados os direitos emanados da Lei de Direitos Autorais e de Propriedade Intelectual, os resultados da pesquisa do Trabalho Final serão de propriedade da Universidade Federal de Campina Grande e, na sua divulgação, qualquer que seja o meio, constará, obrigatoriamente, a menção à Universidade e ao Orientador.

§ 1º No caso de a pesquisa do Trabalho Final ter sido realizada fora da Universidade, com orientação conjunta de docente da UFCG e de outra Instituição, como previsto nos

artigos 58 e 59 da Resolução 03/2016/CSPG/UFCG, e no artigo 8º deste Regulamento, ambas as Instituições partilharão a propriedade dos resultados da pesquisa e os direitos do que reza o *caput* deste Artigo.

§ 2º É obrigatória a menção da Agência Financiadora da bolsa e ou do projeto de pesquisa, em qualquer publicação dela resultante.

Art. 58. Para melhor operacionalizar a execução do planejamento acadêmico do Programa, de acordo com os termos deste Regulamento e das normas vigentes na UFCG, a Coordenação, antes de cada período letivo a ser executado, deverá elaborar e dar ampla divulgação a um calendário escolar, contendo os prazos e os períodos definidos para a matrícula prévia, matrícula em disciplinas, ajustamento de matrícula, trancamento de matrícula em disciplinas, interrupção de estudos, exames de suficiência em língua estrangeira ou disciplinas e demais atividades acadêmicas.

Art. 59. Os casos omissos neste Regulamento serão apreciados pelo Colegiado do Programa e, posteriormente, submetidos à Câmara Superior de Pós-Graduação, ouvido o Conselho de Centro.

Art. 60. O presente Regulamento entrará em vigor na data de sua publicação.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CONSELHO UNIVERSITÁRIO
CÂMARA SUPERIOR DE PÓS-GRADUAÇÃO
(ANEXO II DA RESOLUÇÃO Nº 08/2022)

ESTRUTURA CURRICULAR E EMENTAS DAS DISCIPLINAS DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA ANIMAL

Nº	DISCIPLINAS	CH	CR	REG*
1	ANÁLISE DE ALIMENTOS	(60 hs)	4	OP
2	AVALIAÇÃO DE ALIMENTOS E EXIGÊNCIAS NUTRICIONAIS DE RUMINANTES	(60 hs)	4	OP
3	BASES E MÉTODOS DE ESTUDO DO COMPORTAMENTO ANIMAL	(45 hs)	3	OP
4	BIOCONTROLE DE PATÓGENOS DE ANIMAIS DE PRODUÇÃO	(45 hs)	3	OP
5	COMUNICAÇÃO EM CIÊNCIA: TÉCNICAS E METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA	(45 hs)	3	OP
6	CONTROLE DE PARASITOS NO SEMIÁRIDO	(45 hs)	3	OP
7	ENSAIOS EXPERIMENTAIS COM ANIMAIS	(60 hs)	4	OB
8	EPIDEMIOLOGIA E CONTROLE DAS DOENÇAS INFECTOCONTAGIOSAS DE PEQUENOS RUMINANTES	(60 hs)	4	OP

9	EPIDEMIOLOGIA E CONTROLE DAS DOENÇAS INFECTOCONTAGIOSAS DOS BOVINOS E EQUÍDEOS	(60 hs)	4	OP
10	EPIDEMIOLOGIA E PRODUÇÃO	(60 hs)	4	OP
11	ESTATÍSTICA APLICADA À CIENCIA ANIMAL	(60 hs)	4	OB
12	FISIOLOGIA DO ESTRESSE DE RUMINANTES NO SEMIÁRIDO	(45 hs)	3	OP
13	INTRODUÇÃO, AVALIAÇÃO E MANEJO DE PASTAGENS	(60 hs)	4	OP
14	METABOLISMO DOS NUTRIENTES EM RUMINANTES	(60 hs)	4	OP
15	METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA	(30 hs)	2	OB
16	METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA EM EPIDEMIOLOGIA	(45 hs)	3	OP
17	METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR	(30 hs)	2	OP
18	PRODUÇÃO E CONSERVAÇÃO DE VOLUMOSOS NO SEMIÁRIDO	(45 hs)	3	OP
19	SEMINÁRIOS I	(30 hs)	2	OB
20	SEMINÁRIOS II	(30 hs)	2	OB
21	SISTEMAS AGROSILVOPASTORIS NO SEMIÁRIDO	(60 hs)	4	OP
22	TECNOLOGIA DE MICROENCAPSULAÇÃO	(45 hs)	3	OP
23	TÓPICOS ESPECIAIS EM AVALIAÇÃO DE PASTAGEM	(45 hs)	3	OP
24	TÓPICOS ESPECIAIS EM BIOCLIMATOLOGIA	(45 hs)	3	OP
25	TÓPICOS ESPECIAIS EM CARCAÇAS DE PEQUENOS RUMINANTES	(45 hs)	3	OP
26	TÓPICOS ESPECIAIS EM CONSERVAÇÃO DE RECURSOS GENÉTICOS ANIMAIS	(45 hs)	3	OP
27	TÓPICOS ESPECIAIS EM FISIOLOGIA DO CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO DE ANIMAIS DE INTERESSE ZOOTÉCNICO	(60 hs)	4	OP
28	TÓPICOS ESPECIAIS EM FORMULAÇÃO DE RAÇÕES	(45 hs)	3	OP
29	TÓPICOS ESPECIAIS EM QUALIDADE E SEGURANÇA DOS ALIMENTOS DE ORIGEM ANIMAL	(60 hs)	4	OP
30	TÓPICOS ESPECIAIS EM REVISÃO SISTEMÁTICA E META-ANÁLISE EM CIÊNCIA ANIMAL	(45 hs)	3	OP

* REGIME: OB = OBRIGATÓRIA; OP = OPTATIVA.

EMENTÁRIO

DISCIPLINA:	ANÁLISE DE ALIMENTOS (CÓDIGO ANA01)
EMENTA:	Técnicas de coleta e preparo de amostras para análise bromatológica. Preparo de soluções. Análise química de alimentos. Métodos de WEENDE e VAN SOET. Determinação de energia bruta. Determinação de minerais. Métodos de determinação de digestibilidade de alimentos. Identificação espectrofotométrica de componentes de alimentos.
OBJETIVO	Conhecer e aplicar as técnicas de análise de alimentos, no que se refere a sua composição, valor nutricional, propriedades e caracterização química. Interpretar os resultados analíticos e enquadrá-los de acordo com os padrões exigidos pelas legislações vigentes, visando o controle da qualidade dos alimentos, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida.
OBJETIVO	1. Importância da análise de alimentos na tecnologia e controle da qualidade de rações; 2. Coleta e preparo de amostras destinadas ao Laboratório de Nutrição Animal; 3. Preparo de soluções; 4. Determinações químicas; 4.1. Umidade; 4.2. Proteína bruta (método de kjedahl); 4.3. Lipídeos (Soxhlet); 4.4. Carboidratos solúveis e estruturas; 4.4.1. Carboidratos solúveis;

	4.4.2. Fibra bruta; 4.4.3. Fracionamento da fibra bruta (FDN, FDA); 4.5. Energia bruta (método calorimétrico); 4.6. Minerais; 4.6.1. Doseamento olorimétrico de fósforo; 4.6.2. Doseamento por espectrofômetro de absorção atômica (metais); 5. Determinação de Digestibilidade “in vitro” da matéria seca; 6. Outros testes; 6.1. Teste de Éber; 6.2. Teste de peróxidos; 6.3. Uréia (índice de Urease); 6.4. Reação de Kreis; 7. Seminários – Apresentação de tópicos não abordados neste conteúdo e de importância em nutrição animal.
BIBLIOGRAFIA	Association of Official Agricultura Chemistry – A.O.A.C. 1990. Methods of analysis . 15th ed. Washington, D.C. ASSUMPÇÃO, R.M.V. & MORITA, T. Manual de soluções reagentes & solventes , São Paulo, Edgar Blucher Ltda, 1968, 627 p. CHEEKE, P>R> 1991. Applied animal nutrition – Feeds and feeding . New York, Macmilan Publishing Company. 504 p. CRAMPTON, E.W. & HARRIS, L.E. Nutritión Animal Aplicada , 2ª ed. Editora Acríbia, Zaragoza, España, 1974. 756p. FICK,K.R.; McDOWELL,L.R.; MILES, P.H.; WILKINSON, N.S.; FUNK, J.D.; CONRAD,J.H.;VALDIVIA,R.1979. Methods of mineral analysis for plant and animal tissue . 2th ed. Gainesville, University of Florida. 92p. SILVA,D.J. Análise de alimentos (métodos químicos e biológicos) . Imprensa Universitária, UFV. Viçosa. 1991.166 p. SILVA, D.J. & LEÃO, M.I. Fundamentos de nutrição de ruminantes. Ed. Livroceres, Piracicaba, 1979.380 p. TEIXEIRA, A.S. Alimentos e alimentação ABEAS, Brasília, 1989. 321 p. 1992. 272 p.
PERIÓDICOS	Association of official British Journal of Nutrition Journalof Nutrition Journal of Animal Science Juornal of Micronutrient Analysis Juornal of Agriculture and Food Chemistry Animal Feed Science and Technology

DISCIPLINA:	AVALIAÇÃO DE ALIMENTOS E EXIGÊNCIAS NUTRICIONAIS DE RUMINANTES (CÓDIGO AEN02)
EMENTA:	Métodos de avaliação e digestibilidade de alimentos. Valor energético, proteico, vitamínico e mineral dos alimentos. Métodos de determinação das exigências nutricionais de ruminantes.
OBJETIVO	Proporcionar aos alunos conhecimento necessário sobre avaliação de alimentos para ruminantes, abordando tanto sistemas experimentais em confinamento como em pastejo. Apresentar e estimular a discussão sobre a problemática de diferentes metodologias utilizadas na condução de experimento. Fornecer suporta de conhecimento aos discentes do programa para que os mesmos saibam tomar decisões na condução de experimentos.
PROGRAMA	Apresentação do curso, programação, critérios de avaliação e atividades. Aspectos gerais sobre avaliação biológica dos alimentos para ruminantes Evolução dos sistemas de avaliação de alimentos para ruminantes. Discussões sobre artigos científicos sobre o tema da aula anterior. Definição de temas dos seminários para a próxima aula. Apresentação de seminário. Evoluções nos métodos de fracionamento de carboidratos e proteínas. Vantagens e desvantagens em métodos utilizados para determinação do consumo de alimento. Evolução nos métodos e novos conceitos. Métodos utilizados para determinação da digestibilidade do alimento. Uso de indicadores. Evolução dos métodos de determinação da digestibilidade in vitro, in situ e in vitro. Cinética da digestão em ruminantes. Determinação do Balanço de Nitrogênio. Determinação do Balanço Energético.

BIBLIOGRAFI**A**

- AGRICULTURAL AND FOOD RESEARCH COUNCIL – AFRC. 1992. Technical Committee on Responses to Nutrients. Report N. 9. Nutritive requirements of ruminant animal: Protein. Nutr. Abstr. And Reviews. Series B. 62(12): 787-835.
- AGRICULTURAL AND FOOD RESEARCH COUNCIL – AFRC. 1995. Energy and protein requirements of ruminants (An advisory manual prepared by the AFRC Technical committee on Responses to Nutrients. Wallingford: CAB International. 159 p.
- AGRICULTURAL RESEARCH COUNCIL – ARC. 1980. The nutrient requirement of ruminant livestock. Farnham Royal: Commonwealth Agricultural Bureaux, 1980, 351 p.
- ALLISON, C.D. 1985. Factors affecting forage intake by range ruminants: a review. J. Range Manage., 38(4):305 -11.
- BLAXTER, K.L. 1962. The energy metabolism of ruminants. London: Hutchinson & Company. 329 p.
- BUTLER-HOGG, B.W., CRUICKSHANK, G.J. 1989. The effect of environmental factors on growth and development. In: FORBES, J.M. 1995. Voluntary food intake and diet selection in farm animals. Wallingford: CAB International. 572p.
- INRA. 1988. Tables de L'alimentation des bovins ovins & caprins. Paris, Institut National de la Recherche Agronomique. 192 p.
- JARRIGE, R.C., DEMARQUILLY, C., DULPHY, J.P., et al. 1986. The INRA Fill Unit system for predicting the voluntary intake of forage-based diets in ruminants: a review. J. Anim. Sci., 63(6):1737-1758.
- KIRTON, A.H. 1983. Composition carcass. Canterbury: Lincoln College, 2. ed. p. 25-31. (Technical Handbook – Lamb Growth).
- LOFGREEN, G.P., GARRET, W.N. 1968. A system for expressing net energy requirements and feed values for growing and finishing beef cattle. J. Anim. Sci. 27(3):793-806.
- NATIONAL RESEARCH COUNCIL. 1984. Nutrient requirements of beef cattle. Washington: National Academy Press. 6th ed. 90p.
- NATIONAL RESEARCH COUNCIL. 1985 Nutrient requirements of sheep. Washington: National Academy Press. 6th ed. 77p.
- NATIONAL RESEARCH COUNCIL – NRC. 1985. Nutrient requirement of domestic animals: nutrient requirement of sheep. Washington. 91 p.
- NOLLER, C.H., NASCIMENTO JR., D., QUEIROZ, D.S. Determinando as exigências nutricionais de animais em pastejo. In: SIMPÓSIO SOBRE MANEJO DE PASTAGENS, 13, 1996, Piracicaba. Anais... Piracicaba: FEALQ. 1996. p.319-352.
- PULINA, G., ROSSI, G., CANNAS, A. et al. The use of pelleted feed as stimulator of chewing activity in dairy sheep. In: ANNUAL MEETING OF THE EUROPEAN ASSOCIATION OF ANIMAL PRODUCTION, 43, 1992, Madrid. Proceedings. Madrid: 1992. p.376.
- RESENDE, K.T., RIBEIRO, S.D.A., DORIGAN, C.J. et al. Nutrição de caprinos: novos sistemas e exigências nutricionais In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNICA. 33, SEMANA DA CAPRINOCULTURA E DA OVINOCULTURA TROPICAL. BRASILEIRA, 1996, Fortaleza. Anais ... Fortaleza: SBZ, 1996. p. 77 - 99.
- SILVA, J.F.C. 1996. Metodologias para determinação de exigências nutricionais de ovinos. In: SILVA SOBRINHO, A.G., BATISTA, A.M.V., SIQUEIRA, E.R. et al. Nutrição de ovinos, Jaboticabal: FUNEP. p. 1-68.
- THEODOROU, M.K., FRANCE, J. 1993. Rumen microorganisms and their interactions. In: FORBES, J.M., FRANCE, J. (Ed.) Quantitative aspects of ruminant digestion and metabolism. Wallingford: CAB International. p.145.
- THIAGO, L.R.S., GILL, M. Consumo voluntário de forragens por ruminantes: mecanismo físico ou fisiológico? In: SIMPÓSIO SOBRE PRODUÇÃO ANIMAL, 7, 1990, Campinas. Anais... Piracicaba: FEALQ. p.77 - 107.
- VAN SOEST, P.J. 1965. Symposium on factors influencing the voluntary intake of herbage by

	<p>ruminants: voluntary intake in relation to chemical composition and digestibility. J. Anim. Sci. 24:834-843.</p> <p>VAN SOEST, P.J. 1994. Nutritional ecology of the ruminant 2. ed. Ithaca: Cornell University Press. 476 p.</p>
PERIÓDICOS	<p>Animal Feed Science Journal of Animal Science Animal Production Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia Small Ruminant Research Anais da SBZ e de Congresso em Produção Animal</p>

DISCIPLINA:	BASES E MÉTODOS DE ESTUDO DO COMPORTAMENTO ANIMAL (CÓDIGO BMCA03)
EMENTA:	Importância da Etologia. Fisiologia comportamental. Tipos de comportamento. Fatores que influenciam o comportamento animal. Métodos de estudo do comportamento animal. Delineamento de experimentos e análises estatísticas no comportamento animal.
OBJETIVO	Fornecer aos estudantes conhecimentos relativos à importância de se garantir condições adequadas de bem-estar a todo e a qualquer categoria de animal, bem como sobre as avaliações dos graus de bem-estar animal e do papel do médico veterinário e dos consumidores de produtos de origem animal para a manutenção do bem-estar animal.
JUSTIFICATIVA	O estudo do comportamento animal não é apenas relevante para resolver as questões de interesse dos pesquisadores da área, mas também pelas importantes contribuições a outras áreas do conhecimento como a neurobiologia, o estudo do comportamento humano, a conservação do meio ambiente, o manejo dos recursos naturais e o bem-estar animal, entre outras. Assim, a disciplina proposta tem uma grande importância para os estudantes do programa de Pós- Graduação em Ciência Animal, independentemente da sua área de concentração. É marcada pela diversidade de assuntos relativos ao comportamento animal e proporciona ao estudante diferentes perspectivas sobre os diversos temas objetos de estudos, mostrando uma estrutura coerente na qual a base teórica e procedimentos metodológicos são integrados a exemplos práticos. Objetiva-se proporcionar aos estudantes, uma formação integrativa a respeito do comportamento animal, capacitando-os a desenvolver habilidades e técnicas para reconhecer e entender os diversos comportamentos e perceber como os animais se relacionam com os estímulos ambientais, além de capacitar o acadêmico a realizar e interpretar observações comportamentais.
PROGRAMA	<ol style="list-style-type: none"> 1. O estudo do comportamento animal e suas aplicações; 2. Observação e medida do comportamento animal; 3. Comportamento inato e aprendido; 4. Comportamento social e reprodutivo; 5. Estresse e distúrbios comportamentais; 6. Comportamento como indicador de bem-estar animal; 7. Comportamento de espécies animais.
BIBLIOGRAFIA	<p>ALCOCK, J. Animal Behavior. An evolutionary Approach. 7ª ed. Sunderland: Sinauer Assoc. Inc. Publishers, 2002.</p> <p>CARTHY, J. D. Comportamento animal. São Paulo:EPU/EDUSP, 1980, 79p.</p> <p>COSTA, M. J. R. P.; CROMBERG, V. U. Comportamento materno em mamíferos: bases teóricas e aplicações aos ruminantes domésticos. Jaboticabal: Ed. ETCO/SBET, 1998, 272p.</p> <p>DAWKINS, M. A. Explicando o comportamento animal. São Paulo:Ed. Manole, 1989, 158 p., il.</p> <p>DEL-CLARO, K. Comportamento animal – uma introdução à ecologia comportamental.</p>

	<p>Jundiaí:Ed. Conceito, 2004, 132 p., il.</p> <p>MARTIN, P. & BATESON, P. Measuring Behaviour: An introductory guide. Cambridge: university Press, 2ªed. 2002.</p> <p>NOGUEIRA NETO, P. O. Comportamento animal e as raízes do comportamento humano. São Paulo:Ed. Nobel, 1984, 230 p.</p> <p>ROLL, V. F. B.; RECH, C. L. de S.; XAVIER, E. G.; RECH, J. L.; RUTZ, F.; PINO, F. A. B. D. Comportamento animal – conceitos e técnicas de estudo. Pelotas:Ed. Universitária, UFPEL, 2006. 110 p., il.</p> <p>YAMAMOTO, M. E.; VOLPATO, G. L. Comportamento animal. Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2006. 298p.</p>
PERIÓDICOS	<p>Applied Animal Behavior</p> <p>Science Animal Behavior</p> <p>Behavioural</p> <p>Processes Ethology</p> <p>Behavior Genetics</p>

DISCIPLINA:	BIOCONTROLE DE PATÓGENOS DE ANIMAIS DE PRODUÇÃO (CÓDIGO BPAP04)
EMENTA:	Desenvolver a compreensão de formas de controle biológico dos principais vírus, bactérias, fungos, helmintos, ectoparasitos e protozoários patogênicos dos animais de produção. Incentivar a aplicação destes conhecimentos e formas de controle nas atividades de ensino e pesquisa.
OBJETIVO	Proporcionar conhecimentos teórico e prático aos alunos, permitindo-os, identificar e estabelecer medidas de controle para endo e ectoparasitoses de animais de importância zootécnica, com ênfase para a produção animal.
JUSTIFICATIVA	Desenvolver a compreensão de diversas formas de biocontrole dos principais patógenos de caprinos, ovinos, bovinos, equinos, suínos e aves, com direcionamento para a produção dos produtos (fitoterápicos, fungos nematófagos etc), ensaios de eficácia e utilização nos animais
PROGRAMA	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conceitos de biocontrole e campo de aplicabilidade; 2. Biocontrole de helmintos patógenos de animais de produção; 3. Biocontrole de ectoparasitos patógenos de animais de produção; 4. Biocontrole de protozoários patógenos de animais de produção; 5. Biocontrole de vírus patógenos de animais de produção; 6. Biocontrole de bactérias patógenos de animais de produção; 7. Biocontrole de fungos patógenos de animais de produção; 8. Experimentação com controle biológico: <ol style="list-style-type: none"> 8.1. Seleção dos métodos de controle biológico; 8.2. Ensaio de eficácia e dosagem.
BIBLIOGRAFIA	<p>BOWMAN, Dwight D. Parasitologia veterinária de Georgis. 8 ed. Barueri: Manole, 2006.</p> <p>CAVALCANTE, Antônio César Rocha et al. Doenças parasitárias de caprinos e ovinos: epidemiologia e controle. Brasília/DF: Embrapa, 2009.</p> <p>FORTES, Elinor. Parasitologia veterinária. São Paulo: Icone, 2004.</p> <p>RADOSTITS, Otto M. et al. Clínica Veterinária: um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos, caprinos e equinos. 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.</p>

DISCIPLINA:	COMUNICAÇÃO EM CIÊNCIA: TÉCNICAS E METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (CÓDIGO TMIC05)
EMENTA:	Princípios básicos da pesquisa científica. Definir e elaborar o projeto de pesquisa. Pesquisa bibliográfica e bases de dados. Estratégias de preparação e apresentação de uma comunicação oral. Estratégias de preparação e apresentação de uma comunicação em

	forma de pôster. Normas gerais para a elaboração da escrita de um manuscrito científico. O processo da submissão do manuscrito, a escolha da revista e os bastidores do processo da revisão.
OBJETIVO	Dar aos estudantes instrumentos eficazes para desenvolver o pensamento crítico, único que permite a avaliação da correção com que foram (ou são) estabelecidas as relações entre fatos ou fenômenos, as generalizações e as deduções que levaram (ou levam) a afirmativas, em qualquer área do conhecimento humano.
JUSTIFICATIVA	A disciplina visa preparar ao aluno de Pós-Graduação para elaborar projetos de pesquisa, bem como comunicar os seus resultados à comunidade científica, seguindo a normatização estabelecida pelo programa. Para tanto, é de fundamental importância que o aluno tenha acesso às informações essenciais relacionadas com a confecção de seu projeto, esteja familiarizado com as principais bases de dados para a pesquisa e conheça os principais formatos de comunicação em ciência, garantindo assim o pleno desenvolvimento da sua dissertação bem como a respectiva publicação dos resultados obtidos.
OBJETIVOS	<ol style="list-style-type: none"> 1. Abordar os aspectos teóricos e práticos relevantes na elaboração de uma pesquisa; 2. Orientar a elaboração de um projeto de pesquisa; 3. As diversas bases de dados como ferramenta de pesquisa, incluindo a Web of Science; 4. Conhecer os principais formatos de comunicação em ciência; 5. Saber elaborar um manuscrito científico; 6. Selecionar o melhor jornal bem e conhecer o processo de submissão e revisão.
PROGRAMA	<ol style="list-style-type: none"> 1. Princípios básicos da pesquisa científica 2. Definir e elaborar o projeto de pesquisa 3. Pesquisa bibliográfica e bases de dados 4. Estratégias de preparação e apresentação de uma comunicação oral 5. Estratégias de preparação e apresentação de uma comunicação em forma de pôster 6. Apresentação do programa de gestão de referências bibliográficas – Mendeley 7. Normas gerais para a elaboração da escrita de um manuscrito científico 8. O processo da submissão do manuscrito, a escolha da revista e os bastidores do processo da revisão
BIBLIOGRAFIA	<p>AQUINO, ITALO DE Souza. Como escrever artigos científicos: sem rodeio e sem medo da ABNT. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.</p> <p>FUARASTÉ, P.A. Normas técnicas para o trabalho científico: explicações das normas da ABNT. 13ª Ed. Porto Alegre: 2004. 185p.</p> <p>GONÇALVES, H.A. Manual de projetos de pesquisa científica: inclui exercícios práticos. São Paulo: Avercamp. 2003. 68 p.</p> <p>LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 2007.</p> <p>LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. Técnicas de pesquisa. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.</p> <p>LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. Fundamentos da metodologia científica. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2009.</p> <p>OLIVEIRA, M.M. Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2003. 196 p.</p> <p>RAMPAZZO, L. Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 2ª. Ed. São Paulo: Loyola. 2004. 141 p.</p> <p>SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2008. 334 p.</p> <p>ZILLES, Urbano. O caráter ético do conhecimento científico. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.</p>

DISCIPLINA:	CONTROLE DE PARASITOS NO SEMIÁRIDO (CÓDIGO CPSA06)
EMENTA:	Estudo da Epidemiologia e Controle das parasitoses de animais de interesse zootécnico,

	causadas ou transmitidas por endo e ectoparasitas, abordando aspectos acerca, do diagnóstico, tratamento e profilaxia, com ênfase para a importância econômico-preventiva.
OBJETIVOS	<p>Objetivo Geral Proporcionar conhecimentos teórico e prático aos alunos, permitindo-os, identificar e estabelecer medidas de controle para endo e ectoparasitoses de animais de importância zootécnica, com ênfase para a produção animal.</p> <p>Objetivos Específicos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Estudar as helmintoses gastrintestinais que acometem os animais domésticos, com ênfase para o diagnóstico e profilaxia. 2. Estudar as doenças causadas ou transmitidas por ectoparasitas que acometem os animais domésticos, com ênfase para o diagnóstico e profilaxia. 3. Estudar as protozooses que acometem os animais domésticos, com ênfase para o diagnóstico e profilaxia
PROGRAMA	<p>Doenças Causadas por Protozoários: Babesioses dos animais domésticos; Coccidioses dos animais domésticos; Toxoplasmose dos animais domésticos; Tricomonose dos bovinos; Tripanossomoses;</p> <p>Doenças Causadas por Riquétsias: Anaplasmose bovina; Erlíchiase bovina.</p> <p>Doenças Causadas por helmintos: Helmintoses gastrintestinais dos ruminantes; Helmintoses gastrintestinais dos equinos; Helmintoses broncopulmonares dos animais domésticos; Helmintoses de suínos Teníases dos ruminantes; Teníases das aves;</p> <p>Ectoparasitos de Importância Médico-Veterinário: Carrapatos; Ácaros de importância em doenças parasitárias; Moscas e miíases; Outros ectoparasitas: pulgas e piolhos.</p> <p>Controle Clássico de Parasitoses de Animais Zootécnicos: Principais grupos químicos empregados no controle de parasitoses animais; Vantagens e desvantagens da utilização do controle químico.</p> <p>Métodos de Controle Alternativos para Parasitoses de Animais Zootécnicos: Controle Microbiano; Controle Integrado.</p>
BIBLIOGRAFIA	<p>ALVES, S. B. Controle Microbiano de Insetos. FEALQ. 2 ed. Piracicaba. 1998. 1163p.</p> <p>BLACKWELL; SCIENTIFIC PUBLICATIONS. Modern parasitology. A textbook of parasitology edited by F.E.G. Cox. 2 ed. Offices: London, 1982, 1993, 276p.</p> <p>BOWMAN, D.D. Parasitology for veterinarians. 6 ed. W.B. Saunders Company, Philadelphia, London, Toronto, Montreal, Sydney & Tokyo. 1995, 1990, 1985, 1980, 1974, 1969. 430p.</p> <p>CORRÊA, W.M.; CORRÊA, C.N.M. Enfermidades infecciosas dos mamíferos. 2 ed. Medsi. 1992. 843p.</p> <p>COHEN, S.; SADUN, E. H. Immunology of parasitic infections. Blackwell Scientific Publications. Oxford, London, Edinburgh, Melbourne, 1976. 498p.</p>

	<p>EARL, J. Canine Medicine. First catcott edition, American Veterinary Company, Santa Barbara, California, 1968. 859p.</p> <p>FREITAS, M. G. Entomologia e acarologia médica veterinária. 4 ed. Belo Horizonte-MG, 1978, 253p.</p> <p>LEVINE, N. D. Nematode parasites of domestic animals and of man. 2 ed. Burguess Publishing Company. Minneapolis, Minnesota, 1980, 1968. 477p.</p> <p>MELO, I. S. de; AZEVEDO, J. L. de Controle Biológico . EMBRAPA, Jaguariúna. 1998. 264p.</p> <p>SLOSS, M.W.; KEMP, R. L.; ZAJA, C. A. M. Veterinary Clinical Parasitology. 6 ed. American Association of Veterinary Parasitologists. Iowa State University Press/AMES. 1994. 198p.</p> <p>SOULSBY, E. J. L. Pathophistology of Parasite Infection. Academic Press, Inc., New York, San Francisco, London, 1976. 258p.</p> <p>URQUHART, G. M.; ARMOUR, J.; DUNCAN, J. L.; DUNN, A. M.; JENNINGS, F. W. Parasitologia Veterinária. Copyright, 1987. Editora Guanabara Koogan S. A 1990. 306p.</p> <p>PRESTES, M.L.M. 2003. A pesquisa e a construção do conhecimento científico. 2ª ed. Rêspel, São Paulo.</p> <p>RUDIO, F.V. 1978. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Vozes, Petrópolis.</p> <p>RUIZ, J.A. 1992. Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos. 3ª ed. Atlas, São Paulo.</p>
--	--

DISCIPLINA:	ENSAIOS EXPERIMENTAIS COM ANIMAIS (CÓDIGO EXA07)
EMENTA:	Princípios básicos da experimentação. Testes de comparação de médias. Delineamentos experimentais.
OBJETIVO	Transmitir conhecimentos sobre princípios básicos da experimentação científica com uso de animais.
PROGRAMA	1. Introdução à experimentação; 2. Princípios básicos da experimentação; 3. Teste F; 4. Testes de comparação de médias de tratamentos experimentais; 4.1. teste “t” de Student; 4.2. teste de Tukey; 4.3. teste de Duncan; 4.4. teste de Scheffé; 4.5. teste SNK; 4.6. teste de Dunnet; 5. Delineamentos experimentais, com ênfase às peculiaridades de ensaios com animais; 5.1. Delineamento inteiramente casualizado; 5.2. Delineamento em blocos casualizados; 5.3. Delineamento em quadrado latino; 5.4. Delineamento em Parcelas Subdivididas; 5.5. Arranjo fatorial de tratamentos.
BIBLIOGRAFIA	<p>BANZATTO,D.A.; KRONKA,S. do N. 1992. Experimentação Agrícola. 2ª Ed. Jaboticabal – SP. 247 p.</p> <p>FERREIRA,P.V. 2000. Estatística experimental aplicada à agronomia. 3ª Ed. Maceió: EDUFAL, 419p.</p> <p>PIMENTEL GOMES,F.; GARCIA,C.H.2002. Estatística aplicada a experimentos agrônomos e florestais: exposição com exemplos e orientações para uso de aplicativos. Piracicaba: FEALQ. 309p.</p> <p>SAMPAIO,I.B.M. 1998. Estatística Aplicada à Experimentação Animal. Fund. de Ensino e Pesquisa em Medicina Veterinária, Belo Horizonte. 221p.</p> <p>STEEL, R.G.D.; TORRIE, J.H. 1980. Principles and procedures of statistic. 2ª Ed. 633p.</p> <p>UNDERWOOD, EXPERIMENTS IN ECOLOGY. 1998. Cambridge University Press, UK. 504p.</p>

DISCIPLINA:	EPIDEMIOLOGIA E CONTROLE DAS DOENÇAS INFECTOCONTAGIOSAS DE PEQUENOS RUMINANTES (CÓDIGO ECDPR08)
EMENTA:	Estudo das principais doenças de origem infecciosa com repercussão nos sistemas de produção de pequenos ruminantes, buscando aprimorar os conhecimentos sobre as diversas formas de interação no processo saúde-doença. Estudo da etiologia, patogenia,

	sintomatologia, diagnóstico, tratamento das doenças, com destaque para as medidas de controle, dentro de uma visão custo-benefício.
OBJETIVO	Compreender os conceitos pertinentes aos principais agentes causadores de doenças infectocontagiosas em pequenos ruminantes de importância no Brasil e no mundo. A partir desse entendimento, estabelecer relações com práticas cotidianas. Reconhecer e associar, os aspectos etiológicos, epidemiológicos, clínicos, patológicos e profiláticos das doenças abordadas; Despertar o interesse no aprendizado e a valorização destas doenças de modo que haja satisfação em desenvolver conhecimentos nessa área. Desenvolver a percepção nos temas abordados e estabelecer conexões teórico-práticas de relevância para a atuação profissional.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	<p>1. Introdução, Metodologia; Avaliação; Temas para seminários.</p> <p>2. Epidemiologia, Diagnóstico e Controle das doenças infecciosas em pequenos ruminantes:</p> <p>2.1. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Brucelose ovina;</p> <p>2.2. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Leptospirose ovina e caprina;</p> <p>2.3. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Tuberculose ovina e caprina;</p> <p>2.4. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Pododermatite Infecciosa;</p> <p>2.5. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Colibacilose;</p> <p>2.6. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle do Ectima Contagioso;</p> <p>2.7. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Ceratoconjuntivite Infecciosa caprina;</p> <p>2.8. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Salmonelose;</p> <p>2.9. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Mastites;</p> <p>2.10. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Campilobacteriose;</p> <p>2.11. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Artrite Encefalite Caprina;</p> <p>2.12. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Maedi-Visna;</p> <p>2.13. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Pleuropneumonia Contagiosa;</p> <p>2.14. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Língua Azul;</p> <p>2.15. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Agalaxia Contagiosa;</p> <p>3. Avaliação crítica acerca dos métodos de diagnóstico utilizados no controle das principais doenças infecciosas de pequenos ruminantes;</p> <p>4. Avaliação crítica acerca do uso de vacinas no controle das principais doenças infecciosas de pequenos ruminantes.</p>
BIBLIOGRAFIA	<p><u>BÁSICA:</u></p> <p>ACHA, P. N.; SZYFRES, B. Zoonosis y Enfermedades Transmisibles Comunes al Hombre y a los Animales. ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. 3ª Ed. 2003.</p> <p>BEER, J. Doenças infecciosas em animais domésticos. V.1 e 2, ROCA, 1988 ou versão subsequente.</p> <p>CORREA, W.M.; CORREA, C.N.M. Enfermedades infecciosas dos mamíferos domésticos. 2ª edição, MEDSI, 1992, 843p.</p> <p>MEGID, J.; RIBEIRO, M. G.; PAES, A. C. Doenças infecciosas em animais de produção e de companhia. 1ª ed., ROCA, 2016, 1294 p.</p> <p><u>COMPLEMENTAR:</u></p> <p>www.agricultura.gov.br</p> <p>http://sciencedirect.com</p> <p>http://oie.int</p>

	www.periodicos.capes.gov.br www.pubmed.com
--	--

DISCIPLINA:	EPIDEMIOLOGIA E CONTROLE DAS DOENÇAS INFECTOCONTAGIOSAS DOS BOVINOS E EQUÍDEOS (CÓDIGO ECDBE09)
EMENTA:	Estudo das principais doenças de origem infecciosa com repercussão nos sistemas de produção de bovídeos e equídeos, buscando aprimorar os conhecimentos sobre as diversas formas de interação no processo saúde-doença. Estudo da etiologia, patogenia, sintomatologia, diagnóstico, tratamento das doenças, com destaque para as medidas de controle, dentro de uma visão custo-benefício.
OBJETIVO	Compreender os conceitos pertinentes aos principais agentes causadores de doenças infectocontagiosas em grandes ruminantes e equídeos de importância no Brasil e no mundo. A partir desse entendimento, estabelecer relações com práticas cotidianas. Reconhecer e associar, os aspectos etiológicos, epidemiológicos, clínicos, patológicos e profiláticos das doenças abordadas; Despertar o interesse no aprendizado e a valorização destas doenças de modo que haja satisfação em desenvolver conhecimentos nessa área. Desenvolver a percepção nos temas abordados e estabelecer conexões teórico-práticas de relevância para a atuação profissional.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	<p>1. Introdução, Metodologia; Avaliação; Temas para seminários.</p> <p>2. Epidemiologia, Diagnóstico e Controle das doenças infecciosas em bovídeos:</p> <p>2.1. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Brucelose;</p> <p>2.2. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Leptospirose;</p> <p>2.3. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Tuberculose;Epidemiologia;</p> <p>2.4. Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Actinobacilose;</p> <p>2.5. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Colibacilose;</p> <p>2.6. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle das Clostridioses;</p> <p>2.7. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Ceratoconjuntivite Infecciosa bovina;</p> <p>2.8. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Salmonelose;Epidemiologia;</p> <p>2.9. Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Mastites;</p> <p>2.10. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Campilobacteriose;</p> <p>2.11. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Febre aftosa;</p> <p>2.12. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Estomatite vesicular;</p> <p>2.13. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Rinotraqueíte Infecciosa Bovina;</p> <p>2.14. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Diarreia Viral Bovina;</p> <p>2.15. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Febre Catarral Maligna;</p> <p>2.16. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Listeriose;</p> <p>2.17. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Leucose enzoótica.</p> <p>3. Epidemiologia, Diagnóstico e Controle das doenças infecciosas em equídeos:</p> <p>3.1. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Anemia Infecciosa;</p> <p>3.2. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle do Mormo;</p> <p>3.3. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle do Garrotilho;</p> <p>3.4. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Rodococose;</p> <p>3.5. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle do Tétano;</p> <p>3.6. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Arterite Viral equina;</p> <p>3.7. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Encefalomyelite equina;</p> <p>3.8. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Influenza equina;</p> <p>3.9. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da infecção por Herpesvírus equino 1 e 4;</p>

	<p>3.10. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Pitiose;</p> <p>3.11. Epidemiologia; Etiopatogenia; Diagnóstico e Controle da Peste equina.</p> <p>4. Avaliação crítica acerca dos métodos de diagnóstico utilizados no controle das principais doenças infecciosas de grandes ruminantes e eqüídeos;</p> <p>5. Avaliação crítica acerca do uso de vacinas no controle das principais doenças infecciosas de grandes ruminantes e eqüídeos.</p>
BIBLIOGRAFIA	<p>BÁSICA:</p> <p>ACHA, P. N.; SZYFRES, B. Zoonosis y Enfermedades Transmissibles Comunes al Hombre y a los Animales. ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE LA SALUD. 3ª Ed. 2003.</p> <p>BEER, J. Doenças infecciosas em animais domésticos. V.1 e 2, ROCA, 1988 ou versão subsequente.</p> <p>CORREA, W.M.; CORREA, C.N.M. Enfermidades infecciosas dos mamíferos domésticos. 2ª edição, MEDSI, 1992, 843p.</p> <p>MEGID, J.; RIBEIRO, M. G.; PAES, A. C. Doenças infecciosas em animais de produção e de companhia. 1º ed., ROCA, 2016, 1294p.</p> <p>COMPLEMENTAR:</p> <p>www.agricultura.gov.br</p> <p>http://sciencedirect.com</p> <p>http://oie.int</p> <p>www.periodicos.capes.gov.br</p> <p>www.pubmed.com</p>

DISCIPLINA:	EPIDEMIOLOGIA E PRODUÇÃO (CÓDIGO EPR010)
EMENTA:	<p>Analisar os componentes essenciais de um ecossistema e a natureza das interações destes com vistas a sua participação na História Natural das Doenças. Desenvolvimento do raciocínio crítico na aplicação de métodos epidemiológicos, com o enfoque direcionado para: a) descrição de situações patológicas e alterações populacionais, dependentes do tempo e espaço geográfico; b) análise dos fatores e suas interações que direta ou indiretamente ameaçam ou afetam o desempenho da saúde da população; c) oferecimento de bases para tomada de decisões para minimizar os riscos de saúde e para restaurar a saúde e a produtividade; d) Conceitos básicos sobre prevenção de doenças; e) Noções de higiene</p>
OBJETIVO	<p>Despertar o interesse no aprendizado e a valorização destas doenças de modo que haja satisfação em desenvolver conhecimentos nessa área. Desenvolver a percepção nos temas abordados e estabelecer conexões teórico-práticas de relevância para a atuação profissional.</p>
PROGRAMA	<p>Avaliação crítica acerca dos métodos de diagnóstico utilizados no controle das principais doenças infecciosas de pequenos ruminantes; Avaliação crítica acerca do uso de vacinas no controle das principais doenças infecciosas de pequenos ruminantes.</p>
BIBLIOGRAFIA	<p>SCWABE, C.W. <i>Veterinary medicine and human health</i>. Baltimore Williams & Wilkins. 1985</p> <p>THRUSFIELD, M. <i>Veterinary Epidemiology</i>. Butterworth & Co.(Publishers)Ltd. 1986</p> <p>MARTIN, W.S.; MEEK, H.A.; WILLEBERG, P. <i>Epidemiologia Veterinaria</i>. Acribia. 1977</p> <p>PEREIRA, M.G. <i>Epidemiologia Teorica e Pratica</i>. Editora Guanabara koogan. 1999</p> <p>ROUQUARIOL, M.Z.;ALMEIDA FILHO, N. <i>Epidemiologia e Saúde</i>. Medsi. 1999</p> <p>RADOSTITS, O.M. <i>Manual de Controle da Saúde e Produção dos Animais</i>. Manole. 1986</p>
PERIÓDICO	Preventive Veterinary Medicine

DISCIPLINA:	ESTATÍSTICA APLICADA À CIÊNCIA ANIMAL (CÓDIGO EACA11)
EMENTA:	Desenvolver a compreensão de alguns conceitos fundamentais da estatística. Incentivar a aplicação destes conhecimentos e técnicas nas atividades de ensino e pesquisa.
OBJETIVO	Transmitir conhecimentos sobre princípios básicos da experimentação científica com uso de animais.
JUSTIFICATIVA	Desenvolver a compreensão de alguns conceitos fundamentais da estatística. Incentivar a aplicação destes conhecimentos e técnicas nas atividades de ensino e pesquisa.
PROGRAMA	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação de dados numéricos 2. Medidas de tendência central e de dispersão 3. Noções de probabilidade 4. Distribuições de probabilidade 5. Inferência estatística e testes de hipóteses 6. Comparação de médias: duas amostras 7. Comparação de médias: k amostras 8. Tabelas de contingências 9. Correlação e regressão 10. Noções de amostragem em estudos epidemiológicos
BIBLIOGRAFIA	<p>CALLEGARI – JACQUES, S.M. Bioestatística: princípios e aplicações. Porto Alegre: Artmed, 2003.255p.</p> <p>JEKEL, J.F.; KATZ, D.L.; ELMORE, J.G. Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. 432p.</p> <p>MASSAD, E.; MENEZES, R.X.; SILVEIRA, P.S.P. Métodos quantitativos em medicina. Barueri: Manole, 2004. 561p.</p> <p>PAGANO, M.; GAUVREAU, K. Princípios de bioestatística. São Paulo: Thonson Learning, 2006. 506p.</p> <p>SIEGEL, S.; CASTELLAN JR., N.J. Estatística não-paramétrica para ciências do comportamento. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 448p.</p> <p>ZAR, J.H. Biostatistical analysis. 4. ed. Upper Saddle River: Prentice Hall, 1999. 663 p.</p>

DISCIPLINA:	FISIOLOGIA DO ESTRESSE DE RUMINANTES NO SEMIÁRIDO (CÓDIGO FER012)
EMENTA:	Respostas fisiológicas e comportamentais em relação ao meio ambiente, com ênfase aos mecanismos adaptativos. Homeotermia, balanço e fluxo de calor. Controle e integração dos processos termorreguladores. Homeostase. Estresse versus performance animal.
OBJETIVO	Transmitir conhecimentos sobre respostas fisiológicas e comportamentais em relação ao meio ambiente.
PROGRAMA	Resposta neuroendócrina ao estresse. Relações entre estresse, bem-estar animal e doenças metabólicas em animais domésticos e de experimentação.
BIBLIOGRAFIA	<p>AGUIAR, I.S.; BACCARI JR, F.; GOTTSALK, A.F.; TORNERO, M.T.T.; WECHSLER, F.S. Produção de leite de vacas Holandesas em função da temperatura do ar e do índice de temperatura e umidade. Anais da Sociedade Brasileira de Zootecnia, Fortaleza, n.33, p.617- 619, 1996.</p> <p>BACCARI JR, F. A zona de termoneutralidade dos bovinos. Gado Holandês. n.128, 1986. p.30-31.</p> <p>BARBOSA, O. R.; CARDOSO, R. M.; SILVA, J. F. C. da; SILVA, M. A.; TORRES, C. A. A., OLIVEIRA, J. S. Influência da temperatura da água de beber no desempenho de animais 7/8 Holandês-Zebu, na época de verão. II. Consumo de alimento, ganho de peso e produção de ácidos graxos voláteis. Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia, v.12, n.1, p.97-114, 1983.</p> <p>BARBOSA, O. R.; CARDOSO, R. M.; SILVA, J. F. C. da; SILVA, M. A.; TORRES, C. A. A., OLIVEIRA, J. S. Influência da temperatura da água de beber no desempenho de animais 7/8 Holandês-Zebu, na época de verão. III. Temperatura retal e ritmo respiratório e ingestão de</p>

	<p>água Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia, v.12, n.1, p.86-9614, 1983.</p> <p>VERÍSSIMO, C. J.; NICOLAU, C. V. J.; CORDOSO, V. L.; PINHEIRO, M. G. Características do pelame e infestação por carrapatos em bovinos Gir e mestiços (Holandês x Gir), Anais da Sociedade Brasileira de Zootecnia, Fortaleza, n.33, p.611-612, 1996.</p> <p>VERÍSSIMO, C.J. Resistência e suscetibilidade de bovinos leiteiros mestiços ao carrapato <i>Boophilus microplus</i>. Jaboticabal: Faculdade de ciências agrárias e veterinária de Jaboticabal, 1991. 169.p. (Dissertação de mest. em zootecnia- Área de concentração em produção animal).</p> <p>WILKINSON, P.R. Selection of cattle for tick resistance and the effect of herds susceptibility on <i>Boophilus</i> population Aust.</p>
--	---

DISCIPLINA:	INTRODUÇÃO, AVALIAÇÃO E MANEJO DE PASTAGENS (CÓDIGO IAMP13)
EMENTA:	Recursos forrageiros mundiais. Distribuição natural das espécies de plantas. Avaliação de pastagens, enfocando os componentes herbáceos, arbustivo, o uso múltiplo e o solo. Objetivos e prioridades da introdução de forrageiras. Características a serem observadas na seleção de espécies de pastagem. Esquemas e protocolos de avaliação de plantas forrageiras. Avaliação agrônômica e avaliação utilizando animais. Morfologia de gramíneas forrageiras, desenvolvimento morfológico e fisiológico das gramíneas de leguminosas forrageiras. Efeito da desfolhação sobre o crescimento de pastagens tropicais. Adaptação das plantas ao pastejo. Vigor das plântulas, estabelecimento e manejo inicial da pastagem. Fertilidade do solo e no ecossistema da pastagem. Ciclagem de nutrientes. O papel da leguminosa nas pastagens, manejo e utilização das plantas tropicais, comportamento do animal em pastejo.
OBJETIVO	Objetivam-se com a disciplina capacitar o estudante a tomar decisões relativas aos sistemas de produção de forragens, dimensionar a produção forrageira para atender a demanda animal. Conhecer elementos para o correto planejamento da atividade de produção animal. Saber definir e orientar manejos de pastagens e programas de alimentação animal. Conhecer as principais espécies vegetais usadas na alimentação animal e seu correto manejo.
PROGRAMA	<p>I – INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE PASTAGENS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Potencial e importância das pastagens. 2. Terminologias adotadas no estudo das pastagens. 3. Perspectivas de formação e recuperação das pastagens brasileiras. 4. Distribuição anual de forragens. <p>II – MORFOFISIOLOGIA DE PLANTAS FORRAGEIRAS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Morfologia da raiz, do caule, folha, flor e fruto das gramíneas e leguminosas. 2. Sistemática das gramíneas e leguminosas (descrição das principais espécies de plantas forrageiras cultivadas na região). 3. Fisiologia de plantas forrageiras: crescimento e desenvolvimento; fluxo de tecidos; fotossíntese; radiação solar; temperatura; água; hormônios vegetais. 4. Comportamento das forrageiras em função do manejo: efeito do corte, desfolhação, rebrota e perfilhamento. <p>III – FORMAÇÃO E MANEJO DE PASTAGENS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Recentes avanços na avaliação da fertilidade dos solos, da qualidade das sementes e preparo do solo. 2. Formação de pastagens. 3. Produção e qualidade dos pastos. 4. Métodos de pastejo. 5. Degradação e recuperação de pastagens. <p>IV – MÉTODOS DE AVALIAÇÃO DE PASTAGENS</p>

	<p>1. Principais métodos para avaliação de pastagem nativa e cultivada. 2. Cálculos de exigências de forragem para pastejo e disponibilidade de forrageiras. 3 Medidas de resposta animal em ensaio de pastejo. 4. Análises de experimentos em pastejo.</p> <p>V – TÓPICOS ESPECIAIS EM FORRAGICULTURA</p> <p>1. Pastagens consorciadas. 2. Interação lavoura – pecuária</p>
BIBLIOGRAFIA	<p>ALCÂNTARA, P.B., BUFARAH, G. Plantas forrageiras: Gramíneas e Leguminosas. São Paulo, Nobel, 1988. 163p.</p> <p>BAKER, M.J. (Ed.). Grasslands for our world. Wellington: SIR Publishing, 1993.</p> <p>BARNES, R.F., MILLER, D.A., NELSON, C.J. Forages: the science of grassland agriculture. 5.ed. Ames: Iowa State University Press, 1995. v.1 & 2.</p> <p>FAHEY JUNIOR, G.C. (Ed.). Forage quality, evaluation and utilization. Madison: American Society of Agronomy, 1994.</p> <p>MORAES, Y.J.B. Forrageiras: conceitos, formação e manejo. Rio Grande do Sul, Agropecuária, 1995. 215p.</p> <p>McDONALD, P. The biochemistry of silage. John Willey & Sons LTD,1981. 106p.</p> <p>PUPO, N.I.H. Manual de pastagens e forrageiras: formação, conservação e utilização. Campinas, ICEA, 1977, 311p.</p> <p>TAIZ, L.; ZEIGER, E. Plant physiology. 2nd ed. Sunderland: Sinauer Associates, 1998. 792p.</p> <p>SKERMAN, P.J. Tropical Forage Legumes. FAO, 1977. 2nd ed.</p> <p>VILELA, H. Pastagem: seleção de plantas forrageiras, implantação e adubação. Viçosa: Aprenda Fácil, 2005. 283p.</p> <p>WHITEMAN, P. C. Tropical pasture science. Oxford University Press, 1980. 391p.</p>
PERIÓDICOS	<p>AGRONOMY JOURNAL ANNALS OF BOTANY APPLIED ANIMAL BEHAVIOUR SCIENCE ARCHIVOS DE ZOOTECNIA AMERICAN JOURNAL OF PLANT SCIENCE CIENCIA RURAL CIENCIA E INVESTIGACIÓN AGRARIA CROP SCIENCE GRASS AND FORAGE SCIENCE GRASSLAND PLANT PHYSIOLOGY SCIENTIA AGRICOLA TROPICAL GRASSLANDS TROPICAL GRASSLANDS - FORRAJES TROPICALES</p>

DISCIPLINA:	METABOLISMO DOS NUTRIENTES EM RUMINANTES (CÓDIGO MNR014)
EMENTA:	<p>Noções de fisiologia da digestão. Digestão e metabolismo de proteínas, carboidratos e lipídeos em ruminantes. Absorção e metabolismo de vitaminas e minerais: funções e problemas carenciais. Digestibilidade dos nutrientes. Exigências nutricionais dos animais ruminantes de interesse zootécnico. Água na nutrição: importância e necessidades. Conceito, classificação e composição dos alimentos. Substâncias nitrogenadas não protéicas. Cálculo de rações para bovinos, caprinos e ovinos.</p>
OBJETIVOS	<p>Estabelecer conceitos e fundamentar a relação entre a nutrição de ruminantes e sua alimentação; Habilitar os alunos a fazerem interpretação e avaliação de diferentes processos nutritivos, reconhecendo e resolvendo problemas relacionados a nutrição dos ruminantes.</p>

JUSTIFICATIVA	Estabelecer conceitos e fundamentar a relação entre a nutrição de ruminantes e sua alimentação; Habilitar os alunos a fazerem interpretação e avaliação de diferentes processos nutritivos, reconhecendo e resolvendo problemas relacionados a nutrição dos ruminantes.
AVALIAÇÃO	Uma avaliação escrita abordando o conteúdo de sala de aula. Participação em sala de aula, assiduidade e frequência
PROGRAMA	<ol style="list-style-type: none"> 1. Introdução a Ciência da Nutrição de Ruminantes <ul style="list-style-type: none"> - Considerações iniciais - Conceitos em nutrição de ruminantes. - Características anatomo-fisiológicas do aparelho digestório dos ruminantes (breve revisão) - Especificidades nutricionais de ruminantes e não ruminantes 2. O Rúmen <ul style="list-style-type: none"> - Generalidades - Microbiologia ruminal - Fermentação ruminal 3. Processos relacionados a utilização de Carboidratos pelos ruminantes 4. Os Lipídeos e sua utilização na dieta de Ruminantes 5. Proteínas e substâncias nitrogenadas não protéicas na nutrição de ruminantes 6. Minerais na nutrição de ruminantes 7. Vitaminas na nutrição de ruminantes 8. Medidas do valor nutritivo dos alimentos: Métodos utilizados para determinar o coeficiente de digestibilidade dos alimentos; NDT; EL; EM e ED. 9. Exigências nutricionais 10. Sistemas de avaliação dos alimentos para ruminantes: Cornell (NRC); AFRC (ARC); INRA; Outros.
BIBLIOGRAFIA	<p>BÁSICA</p> <p>ANDRIGUETTO, J.M., PERLY, L., MINARDI, I., GEMAE, A., FLEMMING, J.S., SOUZA, G.A., BONA FILHO, A. Nutrição Animal: as bases e os fundamentos da nutrição animal. Os alimentos. v. 1,2. 3. ed. Nobel, 1989. 395 p.</p> <p>CAMPOS, J. Tabelas para cálculo de rações. 2. ed. UFV: Imp. Universitária, 1995. 64 p.</p> <p>ISLABÃO, N., RUTZ, F. Manual de cálculo de rações. 6. ed. Sagra, s.d. 183 p.</p> <p>PEIXOTO, R.R., MAIER, J.C. Nutrição e Alimentação Animal. 2. ed. Pelotas: UFPel, EDUCAT; UFPel, 1993. 169 p.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>Anais de Simpósios da SBZ e Fealq.</p> <p>CHURCH, D. C. Fisiologia digestiva y nutricion de los rumiantes. v. 1, 2. Ed., Acríbia, 1975. 377 p.</p> <p>CHURCH, D. C. Fisiologia digestiva y nutricion de los rumiantes. v. 2, 2. Ed., Acríbia, 1975. 480 p.</p> <p>JARDIM, W. R. Alimentos e alimentação do gado bovino. Ceres, 1976. 338 p.</p> <p>LUCCI, C.S. Nutrição e manejo de bovinos leiteiros. São Paulo. Ed. Manole. 1997. 169p.</p> <p>MAYNARD, L. A., LOOSLI, J. K. et al. Nutrição animal. 7. Ed., McGraw-Hill, 1979. 620 p.</p> <p>NOCEK, J. E. In situ and other methods to estimate ruminal protein and energy digestibility: A review. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE DIGESTIBILIDADE EM RUMINANTES. 1997. Lavras. Anais... Lavras: UFLA-FAEPE, 1997. p. 241-287.</p> <p>PEREIRA, J. R. A., ROSSI JUNIOR, P. Manual prático de avaliação nutricional de alimentos. FEALQ. Piracicaba, SP. 34 p.</p>

	<p>Periódicos: Revistas da SBZ, Agropecuária Técnica, Dairy Science, Animal Science, Small Ruminant Research</p> <p>RUIZ, M. E., RUIZ, A. Nutricion de Ruminantes: Guia metodológico de investigacion. San José, Costa Rica. RISPAL/ALPA. 344 p. 1990.</p> <p>RUSSEL, J. B. et al. A net carbohydrate and protein system for evaluation cattle diets. I. Ruminal fermentation. J. Anim. Sci., Savoy, v. 70, n. 11, p.3351-3561, 1992.</p> <p>SILVA, D. J. Análise de alimentos: métodos químicos e biológicos. UFV: Imp. Universitária, 1981.166p.</p> <p>SILVA, J. F. C., LEÃO, M. I. Fundamentos da nutrição de ruminantes. Livrocere, 1979. 380 p.</p> <p>SNIFFEN, C. J. et al. A net carbohydrate and protein system for evaluation cattle diets. II. Carbohydrate and protein availability. J. Anim. Sci., Savoy, v. 70, n. 11, p.3562-3577, 1992.</p> <p>TEIXEIRA, J.C. Nutrição de ruminantes. Lavras, FAEPE, 1992. 239p.</p> <p>VAN SOEST, P. J. 1993. Nutritional ecology of the ruminant. O & Books. 864 p.</p>
--	---

DISCIPLINA:	METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA EM EPIDEMIOLOGIA (CÓDIGO MPCE29)
EMENTA:	Apresentar os principais tipos de abordagem da investigação da ocorrência de doenças em populações e desenvolver no estudante a capacidade de observação, de análise, de síntese e de raciocínio inferencial
OBJETIVOS	<p>Ao término da disciplina, espera-se que os alunos sejam capazes de:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Compreender os princípios básicos da investigação epidemiológica; 2. Compreender os principais tipos de investigação epidemiológica; 3. Aplicar os conhecimentos epidemiológicos na investigação de doenças em populações.
PROGRAMA	<ol style="list-style-type: none"> 1. História, princípios e fundamentos da epidemiologia 2. Causalidade de doenças 3. Métodos de amostragem em estudos epidemiológicos 4. Séries históricas 5. Análises de risco 6. Vigilância epidemiológica, vigilância e emergências sanitárias 7. Avaliação de testes de diagnóstico 8. Estudos observacionais
BIBLIOGRAFIA	<p>LILIENFELD, A. M. Epidemiology foundations and applications. Oxford University Press, New press, 1978.</p> <p>MACMAHON, B.; PROGH, T. F. Epidemiology principles and methods, Little, Brown & Co, Inc., Boston, 1970.</p> <p>MARTIN,S.W.; MEEK,A.H.; WILLEBERG,P. Veterinary epidemiology: principles and methods.lowa Stade University Press, Ames, 4ed.1994.</p> <p>MEDRNHO,R.A.: BLOCH. K.V.; LUIZ, R.R.; WERNECK, G.L. Epidemiologia. Rio de Janeiro: Atheneu,2008.</p> <p>PEREIRA,M.S. Epidemiologia – Teoria e Prática, Guanabara Koogan, I ed.,1995.</p> <p>ROUQUAYROL, M & FILHO, N.A. Epidemiologia e Saúde, Medsi. 6ª ed. 2006</p> <p>SCHWABE,C.W.,HIEMANN, H.P.:FANTI, C.E. Epidemiology in Veternary Pratctice, Lea & Febiger, Philadelphia,1977.</p> <p>SCHWABE,C.W. Veterinary Medicine and Human health, Willians and Wilkins, Baltimore, 3 ed., 1984.</p>

DISCIPLINA:	METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA (CÓDIGO MPC012)
EMENTA:	O perfil do pesquisador. Bases filosóficas e científicas da pesquisa. Princípios básicos

	da pesquisa. Planejamento e métodos de execução das pesquisas científicas. Noções gerais sobre as regras da ABNT (NBR). Redação de trabalhos de trabalhos científicos.
OBJETIVOS	1 – Estabelecer conceitos e fundamentar a relação entre a nutrição de ruminantes e drimir dúvidas acerca da elaboração do projeto de pesquisa; 2 – Identificar os elementos e estrutura do projeto de pesquisa; 3 – Elaborar um projeto de pesquisa.
JUSTIFICATIVA	A disciplina visa preparar o aluno de Pós-graduação para elaborar projetos, seguindo a normatização estabelecida pelo Programa. Para tanto, é de fundamental importância que o aluno tenha acesso às informações essenciais à confecção de seu projeto, para dar suporte ao desenvolvimento da dissertação.
PROGRAMA	UNIDADE I 1. O perfil do pesquisador 2. Bases filósofas da pesquisa científica 3. Princípios básicos da pesquisa científica UNIDADE II O projeto de pesquisa: funções e importância 1. Elementos estruturais do projeto de pesquisa 2. Aspectos gráficos e conteúdos do projeto de pesquisa Importância da aplicação da ABNT na elaboração do projeto de pesquisa.
BIBLIOGRAFIA	ANDRADE, M.M. Como preparar trabalhos de cursos de pós-graduação: noções práticas. 3ª ed. São Paulo: Atlas,1999 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TECNICAS. Referencias bibliográficas, NBR 6023. Rio de Janeiro:2000 FURASTÉ, P.A. Normas técnicas para o trabalho científico: explicação das normas da ABNT. 13ªed. Porto Alegre: 2004. 185 p GONÇALVES, H.A. Manual de projetos de pesquisa científica: inclui exercícios proticos. São Paulo: Avercamp. 2003. 68 p. ISKANDAR,J.I. Normas da ABNT: comentadas para trabalhos científicos. 2ªed. Curitiba: Juruá. 2005. 95 p. LAKATOS,E.M.; MARCONI,M.A. Metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1995.

DISCIPLINA:	METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR (CÓDIGO MPC015)
EMENTA:	O perfil do pesquisador. Bases filosóficas e científicas da pesquisa. Princípios os básicos da pesquisa. Planejamento e métodos de execução das pesquisas científicas. Noções gerais sobre as regras da ABNT (NBR). Redação de trabalhos científicos.
JUSTIFICATIVA	A disciplina visa preparar a o aluno de Pós-Graduação para elaborar projetos seguindo a normatização estabelecida pelo programa. Pata tanto, é de fundamental importância que o aluno tenha acesso às informações essenciais à confecção de seu projeto para dá suporte ao desenvolvimento da dissertação.
OBJETIVO	1. Abordar os aspectos teóricos e práticos relevantes na elaboração de uma pesquisa; 2. Identificar os elementos e estrutura do projeto de pesquisa; 3. Orientar, de forma geral, a elaboração de um projeto de pesquisa.
PROGRAMA	UNIDADE I 1. O perfil do pesquisador 2. Bases filósofas da pesquisa científica 3. Princípios básicos da pesquisa científica UNIDADE II O projeto de pesquisa: funções e importância 2. Elementos estruturais do projeto de pesquisa

	<p>3. Aspectos gráficos e conteúdos do projeto de pesquisa</p> <p>4. Importância da aplicação da ABNT na elaboração do projeto de pesquisa</p>
BIBLIOGRAFIA	<p>ANDRADE, M.M. Como preparar trabalhos de cursos de pós-graduação: noções práticas. 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 1999</p> <p>AQUINO, ITALO de Souza. Como escrever artigos científicos: sem rodeio e sem medo da ABNT. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.</p> <p>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Referências bibliográficas, NBR 6023. Rio de Janeiro: 2000.</p> <p>FUARASTÉ, P.A. Normas técnicas para o trabalho científico: explicações das normas da ABNT. 13ª Ed. Porto Alegre: 2004. 185p.</p> <p>GONÇALVES, H.A. Manual de projetos de pesquisa científica: inclui exercícios práticos. São Paulo: Avercamp. 2003. 68 p.</p> <p>ISKANDAR, J.I. Normas da ABNT: comentadas para trabalhos científicos. 3ª ed. Curitiba: Juruá. 2009. 95 p.</p> <p>LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 2007.</p> <p>LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. Técnicas de pesquisa. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.</p> <p>LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. Metodologia científica. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2009.</p> <p>LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. Fundamentos da metodologia científica. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2009.</p> <p>OLIVEIRA, M.M. Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2003. 196 p.</p> <p>RAMPAZZO, L. Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e Pósgraduação. 2ª. Ed. São Paulo: Loyola. 2004. 141 p.</p> <p>SEABRA, G.F. Pesquisa científica: o método em questão. Brasília UnB. 2001. 195 p.</p> <p>SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2008. 334 p.</p> <p>ZILLES, Urbano. O caráter ético do conhecimento científico. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.</p>

DISCIPLINA:	PRODUÇÃO E CONSERVAÇÃO DE VOLUMOSOS NO SEMIÁRIDO (CÓDIGO PCV016)
EMENTA:	Fatores que afetam a produção de forragens. Importância dos nutrientes para forrageiras. Calagem e Adubação de forragens. Princípios da implantação de forrageiras. Ensilagem. Fenação. Valor nutritivo de volumosos para ruminantes.
OBJETIVO	O curso tem por objetivo apresentar, discutir e desenvolver temas relacionados com a qualidade e conservação de alimentos volumosos para animais. Constam do conteúdo, conceitos básicos e aplicados relativos aos processos de crescimento e subsequentes alterações em parâmetros da composição anatomo-histológica em plantas forrageiras. Serão abordados aspectos relativos à produção de forragem, sua conservação, e utilização; bem como o uso de resíduos fibrosos ligno-celulósicos na alimentação de ruminantes. O programa proposto sugere numa sequência didática a abordagem de temas que visam oferecer ao aluno uma visão integrada da área de produção e conservação de alimentos, permitindo aos alunos avaliar o processo de produção, identificar problemas, e equacionar soluções técnicas apropriadas.
OBJETIVOS	<ol style="list-style-type: none"> 1. Abordar os aspectos teóricos e práticos relevantes na elaboração de uma pesquisa; 2. Orientar a elaboração de um projeto de pesquisa; 3. As diversas bases de dados como ferramenta de pesquisa, incluindo a Web of Science; 4. Conhecer os principais formatos de comunicação em ciência; 5. Saber elaborar um manuscrito científico; 6. Selecionar o melhor jornal bem e conhecer o processo de submissão e revisão.
PROGRAMA	<p>1 – INTRODUÇÃO E PRODUÇÃO DE FORRAGEM NO SEMI-ÁRIDO</p> <p>1.1 – Produção de forragem em regiões semi-áridas</p>

	<p>1.2 – Estacionalidade da produção de forragem</p> <p>1.3 – Valor nutritivo de plantas forrageiras</p> <p>1.4 – Apresentação e discussão de trabalho</p> <p>2 – PRODUÇÃO DE FENO</p> <p>2.1 – Processo de fenação</p> <p>2.1.1 – Fatores que interferem no valor nutritivo do feno</p> <p>2.1.2 – Uso de aditivos x Produção e qualidade do feno</p> <p>2.1.3 – Apresentação e discussão de trabalhos</p> <p>2.2 – Utilização de feno na alimentação de ruminantes</p> <p>2.2.1 – Tratamento químico de volumosos</p> <p>2.2.2 – Apresentação e discussão de trabalho</p>
BIBLIOGRAFIA	<p>MALAVOLTA, A. ABC da Adubação. 5a ed. São Paulo: Ed. Agronômica Ceres, 1989. 292p.</p> <p>McDONALD, P. The biochemistry of silage. Ed. JohnWiley & Sons, Ney York, 1981. 207p.</p> <p>MINSON, D.J. Forage in Ruminant Nutrition, Academic Press, Inc. San Diego, Califórnia, 1990. 483p.</p> <p>MOORE, K.J.; KRAL, D.M.; VINEY, M.K. Post-Harvest physiology and preservation of forages. Crop science Society of America, Inc. 1995. 114p.</p> <p>PEIXOTO, A. M.; PEDREIRA, C.G.S.; PEIXOTO, A.; M. MOURA, J.C. FARIA, V.P. A planta forrageira no sistema de produção. Anais do 17º simpósio sobre manejo da pastagem. FEALQ, Piracicaba, SP., 2000. 390p.</p> <p>RIBEIRO, A. C., GUIMARÃES, P. T., G. ALVAREZ, V. H. Recomendações para uso de corretivos e fertilizantes em minas gerais, 5a Aproximação. Comissão de Fertilidade do Solo do Estado de Minas Gerais (CFSEMG), Viçosa, MG., 1999. 359p</p> <p>VAN SOEST, P.J. Nutritional ecology of the ruminant. 2a ed. Cornell University. 1994. 476p.</p>

DISCIPLINA:	REVISÃO SISTEMÁTICA E META-ANÁLISE EM CIÊNCIA ANIMAL (CÓDIGO RSMA17)
EMENTA:	Abordagem teórico-prática das metodologias de revisão sistemática e meta-análise aplicada à Ciência Animal
OBJETIVO	Desenvolver habilidade teórica e prática para planejamento, execução e interpretação dos resultados de uma revisão sistemática e meta-análise com vistas à publicação científica.
JUSTIFICATIVA	<p>Com o volume de publicações na área de medicina veterinária, a realização de estudos já existentes ou com objetivos similares a repetições metodológicas é frequente. Atualmente, existe metodologia específica para que revisões de literatura sejam realizadas com qualidade, de forma que garanta a autenticidade e relevância dos estudos a serem realizados por alunos de pós-graduação. Tais metodologias são denominadas “Revisões Sistemáticas”.</p> <p>A partir de uma revisão sistemática, pode-se realizar estimativas combinadas de parâmetros, denominadas “Meta-análise”. Na área de medicina veterinária preventiva, a aplicabilidade de revisões sistemáticas com meta-análise é alta em estudos como: sensibilidade e especificidade de testes diagnósticos, estimativas de prevalência, incidências e estudos de fatores de risco associados a doenças, etc.</p> <p>Esta disciplina visa dar suporte para que os alunos de pós-graduação sejam aptos a realizar revisões de literatura com qualidade e, possivelmente, possam realizar estimativas de meta-análise.</p>
PROGRAMA	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução à revisão sistemática - Conceitos de variabilidades entre estudos, viés de publicação, heterogeneidade - Técnicas de combinação e gerenciamento de estudos - Revisão Sistemática X Revisão Narrativa - Análise de qualidade de estudos - Introdução à meta-análise

	<ul style="list-style-type: none"> - Modelos de efeito fixo e efeito aleatório - Testes de heterogeneidade: Begg e Egger - Meta-regressão
BIBLIOGRAFIA	<p>Egger M, Davey Smith G, Altman DG (eds). Systematic Reviews in Health Care: Meta-analysis in context. 2001. London: BMJ books.</p> <p>Moher et Al. Quality of Reporting of Meta-analyses (QUORUM) consensus statement. Lancet 1999; 354:1896-1900.</p> <p>Wolfgang Viechtbauer (2010). Conducting meta-analyses in R with the metaphor package. Journal of Statistical Software,36(3), 1-48.</p> <p>Guido Schwazer (2004). Meta-Analysis with R. R packageversion 3.6-0.</p>

DISCIPLINA:	SEMINÁRIO I (CÓDIGO SZ018)
EMENTA:	Abordar tópicos sobre metodologia científica aplicada em zootecnia (Sistemas Agrosilvipastoris); planejar apresentações de trabalhos científicos; discutir artigos científicos publicados em periódicos de impacto da área; exercitar o senso crítico científico; preparar o aluno para a redação do seu projeto de Dissertação de Mestrado.
OBJETIVO	<ol style="list-style-type: none"> 1 – Definir a metodologia e a pesquisa no contexto atual dos Cursos de Pós-Graduação; 2 – Analisar o processo de técnicas metodológicas; 3 – Analisar o potencial pedagógico dos recursos tecnológicos; 4 – Construir o conhecimento acerca e pressupostos teórico-práticos em Metodologia aplicada a Pesquisa Científica para uma ação pesquisador e docente de qualidade; 5 – Favorecer a reflexão dos pós-graduandos sobre seus estudos, pensamentos e prática.
PROGRAMA	<ol style="list-style-type: none"> 1. O cérebro e a aprendizagem 2. Tendências pedagógicas 3. Aspectos da Metodologia da Pesquisa Bibliográfica 4. Aspectos da Metodologia Científica 5. Recursos pedagógicos e tecnológicos 6. A educação na Sociedade globalizada e o cyberspace
PROCEDIMENTOS	<p>A disciplina de Seminários I terá duração de 15 horas/aula. As aulas serão desenvolvidas de forma presencial numa abordagem dialógica, com base nos movimentos de sensibilização, tradução do conhecimento e avaliação da própria produção. E incluirá:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Debate; 2. Consultas bibliográficas; 3. Estudos orientados e leituras; 4. Elaboração e apresentação de atividades diversas; 5. Acompanhamento, reflexão e debate sobre a construção do Projeto de Mestrado; 6. Auto-avaliação.
BIBLIOGRAFIA	<p>ALVES, R. 1987. Filosofia da Ciência: Introdução ao jogo e suas regras. 10ª ed. Brasiliense, São Paulo.</p> <p>ANDRADE, M.M. 1999. Como preparar trabalhos de cursos de Pós-Graduação: noções práticas. 3ª ed. Atlas, São Paulo.</p> <p>ABNT.2000. Referencias Bibliográficas, NBR 6023. Associação Brasileira de Normas Técnicas, Rio de Janeiro.</p> <p>CARVALHO, M.C. M. (ORG) 1995. Construindo o saber. 5ª ed. Papirus, Campinas.</p> <p>FRANÇA, J. L. ET al. 2001. Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas. 5ª ed. Editora da UFMG, Belo Horizonte.</p> <p>FREIRE, p. 1991. Educação e mudança. Paz e Terra, Ro de Janeiro.</p> <p>PIETROCOLA, M. 1999. Construção e realidade: O realismo científico de Mário Bunge e</p>

	<p>o ensino de ciências através de modelos. Investigações em ensino de Ciências, 4(3). Disponível em <http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/>.</p> <p>LAKATOS, E. M.. & MARCONI, M.A. 1995. Metodologia Científica. Atlas, São Paulo.</p> <p>MELO, P.A. F. 1999. A ciência e os sistemas: questões de história e de filosofia natural. 3ª ed. Ed. Universitária/UFPB, João Pessoa.</p> <p>PIMENTA, S. G. (org). 1997. Didática e Formação de Professores – percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. Cortez, São Paulo.</p> <p>PRESTES, M.L.M. 2003. A pesquisa e a construção do conhecimento científico. 2ª ed. Rêspel, São Paulo.</p> <p>RUDIO, F.V. 1978. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Vozes, Petrópolis.</p> <p>RUIZ, J.A. 1992. Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos. 3ª ed. Atlas, São Paulo.</p>
--	--

DISCIPLINA:	SEMINÁRIO II (CÓDIGO SZ019)
EMENTA:	Elaboração de projeto de pesquisa de dissertação.
OBJETIVOS	<ol style="list-style-type: none"> 1) Promover o refinamento progressivo do projeto de dissertação em relação aos aportes teórico-metodológicos que fundamentam a proposta de pesquisa; 2) Possibilitar o avanço do pós-graduando no processo de elaboração da dissertação; 3) Aprofundar as discussões teórico-metodológicas para a construção das questões fundamentais que possibilitarão a condução e justificarão a pesquisa.
PROGRAMA	Apresentação de projeto de pesquisa de dissertação.
PROCEDIMENTOS	<p>A disciplina de Seminários II incluirá um exame de conhecimento em relação à pesquisa proposta (Exame de qualificação), com apresentação e análise do projeto elaborado pelo pós-graduando. O projeto será avaliado por uma banca formada pelo orientador e, no mínimo, dois avaliadores. A disciplina terá duração estimada prevista de 30 horas/aula, cuja carga horária exata final corresponderá ao total das apresentações de todos os pós-graduandos. As aulas serão desenvolvidas inicialmente por definição do cronograma de apresentações, dúvidas gerais, sem a ministração de conteúdos específicos, sendo realizadas, posteriormente, as respectivas apresentações dos projetos, com presença de todos os pós-graduandos. A nota da disciplina será a média aritmética ponderada e considerará:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Assiduidade nas apresentações (Aulas), estrutura do projeto (Conforme normas da ABNT) – Peso: 30%; 2) Nota atribuída pela banca examinadora – Peso: 70%.
BIBLIOGRAFIA	Particular de cada projeto de pesquisa.

DISCIPLINA:	SISTEMAS AGROSILVIPASTORIS NO SEMIÁRIDO (CÓDIGO SASA20)
EMENTA:	Sistemas Agrosilvipastoris: conceitos, implicações, vantagens e desvantagens. Componentes dos sistemas e modelos de exploração. Fatores determinantes para a implantação dos sistemas. Peculiaridades dos sistemas agrosilvipastoris nas regiões do Brasil. Manejo sustentável dos elementos constituintes do sistema. Avaliação econômica dos sistemas em diferentes regiões. Sistemas Agroflorestais na recuperação de áreas degradadas. Modelos de sistemas para a região semi-árida. Potenciais do Nordeste para a implantação desses sistemas.
OBJETIVOS	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer os diferentes sistemas agrosilvipastoris nas regiões brasileiras; 2. Identificar os fatores ambientais responsáveis pela sua implantação; 3. Analisar os aspectos econômicos desses sistemas;

	Sugerir modelos de implantação desse sistema, considerando as potencialidades e limitações da região semi-árida;
PROGRAMA	<p>UNIDADE I</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sistemas Agrosilvipastoris: conceitos, implicações, vantagens e desvantagens. 2. Componentes de sistemas e modelos de exploração. 3. Tipos de sistemas agrosilvipastoris. 4. Fatores determinantes para a implantação dos sistemas. 5. Avaliação geral sobre o emprego dos Sistemas Agrosilvipastoris: aspectos ecológicos, sociais e econômicos <p>UNIDADE II</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Peculiaridade dos Sistemas Agrosilvipastoris nas diversas regiões do Brasil. 2. Manejo sustentável dos elementos constituintes do Sistema. 3. Avaliação econômica dos sistemas em diferentes regiões. 4. Sistemas Agrosilvipastoris: estado da pesquisa e da adoção de tecnologia. 5. Sustentabilidade dos Sistemas Agrosilvipastoris. <p>UNIDADE III</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sistema de cultivo em aléias, formação do banco de proteínas. 2. Avaliação do uso da terra: importância para a implantação dos Sistemas Agrosilvipastoris 3. Sistemas Agroflorestais na recuperação de áreas degradadas. 4. Potenciais do Nordeste para a implantação desses sistemas.
BIBLIOGRAFIA	<p>CARVALHO, M.M.;ALVIM, M.J.; CARNEIRO, J.C. (Eds) Sistemas agroflorestais pecuários: opções de sustentabilidade para áreas tropicais e subtropicais. Juiz de Fora:EMBRAPA gado de Leite; Brasília:FAO,2001.</p> <p>GOTZ,S., FONSECA, S.G.A.B.; HARVEY, C.A.; GASCON, C.; VASCONCELOS, H. L.;IZAC, A. M.N. (Eds.) Agroforestry and biodiversity conservation in tropical landscapes. London: Island Press. 2004. 524 p.</p> <p>GALVÃO, A.P.M. (Org.) Reflorestamento de propriedades rurais para fins produtivos: um guia para ações municipais e regionais. Brasília: EMBRAPA comunicação para transferência de tecnologias. Colombo, PR: UMBRAPA Florestas, 2000,351 p.</p> <p>REINERT, D.J. Recuperação de solos em sistemas agropastoris. In: DIAS, L.E.; MELO. J.W.V. (Eds.) Recuperação de áreas degradadas. Içosa: UFV. Departamento de Solos; Sociedade Brasileira de Recuperação de Áreas Degradadas, 1988.251 p.</p> <p>OLIVEIRA, T.S.; ASSIS JUNIOR, R.N.; ROMERO, R.S.; SILVA, J.R.C. Agricultura, sustentabilidade e o semi-árido. Fortaleza: UFC,200. 406 p</p> <p>OLIVEIRA, T.S.; ASSIS JUNIOR, R.N.; ROMERO, R.S.; SILVA, J.R.C. Agricultura, sustentabilidade e o semi-árido. Fortaleza: UFC,200. 406 p</p>

DISCIPLINA:	TECNOLOGIA DE MICROENCAPSULAÇÃO (CÓDIGO TME021)
EMENTA:	Princípios gerais, definições e generalidades sobre microencapsulamento. Importância do microencapsulamento, vantagens e desvantagens. Materiais encapsulantes. Técnicas de microencapsulamento. Mecanismos de liberação de sistemas microencapsulados. Caracterização de sistemas microencapsulados. Microencapsulamento na área de Nutrição animal.
OBJETIVO	Transmitir conhecimentos sobre microencapsulamento e sistemas de microencapsulamento na área de nutrição animal.
PROGRAMA	Introdução: Tecnologia de microencapsulamento no âmbito da inovação tecnológica. Surgimento e história do microencapsulamento. Conceitos básicos, classificação, estrutura de partículas encapsuladas: Microcápsulas e microesferas. Interesse industrial, progressos e relevância do microencapsulamento. Materiais encapsulantes: Função, requisitos, tipos,

	<p>propriedades físico-químicas, escolha do encapsulante. Métodos de encapsulamento: Físicos (<i>Extrusão, Spray-drying, Spray-congealing, Pan coating, Liofilização</i>), Químicos (<i>Polimerização interfacial, Polimerização in situ, Inclusão molecular</i>) e Físico-químicos (<i>Coacervação, Lipossomas, Evaporação de solvente</i>). Materiais encapsuláveis, faixa de tamanho de partícula e morfologia a partir de diferentes métodos, escolha do método. Dispersões coloidais: Conceitos básicos, tipos, importância no microencapsulamento. Uso, ação e escolha de tensoativo, preparo de emulsões. Principais mecanismos de liberação em sistemas microencapsulados: Ruptura mecânica, difusão, dissolução, erosão e biodegradação. Perfis de liberação controlada: Liberação programada e liberação sustentada. Modificação e ajuste de perfis de liberação. Determinação de rendimento e eficiência do processo de microencapsulamento. Técnicas de Microscopia eletrônica de varredura, Determinação de umidade e atividade de água, Termogravimetria, Calorimetria exploratória diferencial, Espectrofotometria, Difractometria de raios X e Espectroscopia na região do Infravermelho na investigação de sistemas microencapsulados. Microencapsulamento: Avanços, atualidades e perspectivas na área de Nutrição animal.</p>
BIBLIOGRAFIA	<p>BAKRY, A. M., ABBAS, S., ALI, B., MAJED, H., ABOUELWAFI, M. Y., MOUSA, A., LIANG, L. Microencapsulation of Oils: A Comprehensive Review of Benefits, Techniques, and Applications. <i>Comprehensive Reviews in Food Science and Food Safety</i>, 15, 143-182, 2016.</p> <p>AGNIHOTRI, N., MISHRA, R., GODA, C., ARORA, M. Microencapsulation - A Novel Approach in Drug Delivery: A Review. <i>Indo Global Journal of Pharmaceutical Sciences</i>, 2 (1): 1-20, 2012.</p> <p>CHANANA, A., KATARIA, M. K., SHARMA, M., BILANDI, A. Microencapsulation: Advancements in applications. <i>International Research Journal of Pharmacy</i>, 4 (2), 1-5, 2013.</p> <p>FAVARO-TRINDADE, C. S., PINHO, S. C., ROCHA, G. A. Revisão: Microencapsulação de ingredientes alimentícios. <i>Brazilian Journal of Food Technology</i>, 11 (2), 103-112, 2008.</p> <p>OZKAN, G., BILEK, S. E. Microencapsulation of natural food colourants. <i>International Journal of Nutrition and Food Sciences</i>, 3 (3), 145-156, 2014.</p> <p>RISH, S. J., REINECCIUS, G. A. <i>Encapsulation and Controlled Release of Food Ingredients</i>. Ed. American Chemical Society, Washington, DC, 1995.</p> <p>UMER, H., NIGAM, H., TAMBOLI, A. M., NAINAR, M. S. M. Microencapsulation: Process, Techniques and Applications. <i>International Journal of Research in Pharmaceutical and Biomedical Sciences</i>, 2 (2), 474-481, 2011.</p>

DISCIPLINA:	TOPICOS ESPECIAIS EM AVALIAÇÃO DE PASTAGEM (CÓDIGO TEAP22)
EMENTA:	Fatores que afetam a produção de forragens. Importância dos nutrientes para forrageiras. Calagem e Adubação de forragens. Princípios da implantação de forrageiras. Ensilagem. Fenação. Valor nutritivo de volumosos para ruminantes.
OBJETIVO	Proporcionar aos alunos possibilidades de discussão teóricas e práticas sobre alguns tópicos em avaliação de pastagem (nativa e cultivada) com ênfase no semiárido.
PROGRAMA	<p>1. Introdução; 1.1. Porque “tópicas em avaliação de pastagem nativa e cultivada”; 1.2. Porque “ênfase no semiárido”; 1.3. Discussão de trabalhos. 2. Parâmetros fitossociológicos das principais espécies forrageiras; 2.1. Densidade, cobertura e frequência; 2.2. Discussão de trabalhos. 3. Métodos de avaliação da disponibilidade e oferta de forragem; 3.1. Matéria seca pastável (herbácea e lenhosa); 3.2. Discussão de trabalhos. 4. Avaliações da utilização da pastagem pelos ruminantes.; 4.1. Utilização de gaiolas, foto guia, fístula esofágica e/ou ruminal e análise fecal; 4.2. Discussão de trabalhos.</p> <p>Seminários:</p> <p>5. Consumo, preferência e seletividade dos ruminantes.; 5.1. Composição botânica e química da dieta de ruminantes em pastejo; 5.2. Discussão de trabalhos.</p>

BIBLIOGRAFIA	<p>Aganga, A. A.; Tshwenyane, S. O. Feeding Values and Anti - Nutritive Factors of Forage Tree Legumes. <i>Pakistan Journal of Nutrition</i>, v.2, n.3, p.170-177, 2003.</p> <p>Almeida, R. G.; Euclides, V. P. B.; Nascimento Junior, D.; Macedo, M. C. M.; Fonseca, D. M.; Brâncio, P. A.; Barbosa, R. A. Consumo, Composição Botânica e Valor Nutritivo da Dieta de Bovinos em Pastos Tropicais Consorciados sob Três Taxas de Lotação. <i>Revista Brasileira de Zootecnia</i>, v.32, n.1, p.29-35, 2003.</p> <p>Animut, G., Goetsch, A.L., Aiken, G.E et al. 2005. Performance and forage selectivity of sheep and goats co-grazing. <i>Small Ruminant Research</i>, 59, 203–215.</p> <p>Araújo Filho, J. A. Combined species grazing in extensive caatinga condition. In: INTERNATIONAL Conference on Goats, 4, 1987, Brasília. Proceedings. Brasília: EMBRAPA-DDT, 1987, v.2, p.947-54.</p> <p>Araújo Filho, J. A. Manipulação da vegetação lenhosa da caatinga para fins pastoris. Sobral: EMBRAPA-CNPC, 2002. 18p. (EMBRAPA-CNPC. Circular Técnica, 11).</p> <p>Araújo Filho, J.A. 2005. Sistemas agroflorestais na Caatinga – Agroecologia versus Desertificação. www.cnpc.embrapa.br Acessado em julho de 2005</p> <p>Araújo Filho, J.A.; Crispim, S.M.A. Pastoreio combinado de bovinos, caprinos e ovinos em áreas de Caatinga no Nordeste do Brasil. In: Conferência Virtual Global sobre Produção Orgânica de Bovinos de Corte. University of Contestado – UnC – Concordia Unit – Concordia – SC – Brazil, Embrapa pantanal – Corumbá – MS – Brazil, 2002, p.1-7.</p> <p>Araújo Filho, J.A; Gadelha, J.A.; Leite, E.R. Composição botânica e química da dieta de ovinos e caprinos em pastoreio combinado na região dos Inhamuns, Ceará. <i>Revista Brasileira de Zootecnia</i>, v.25, n.3, p.383-395, 1996.</p> <p>Beelen, P. M. G. Taninos Condensados de Leguminosas Nativas do Semi-Árido Nordeste. 2002. 71f. Tese (Doutorado em Zootecnia) – Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal, 2002.</p> <p>Hardesty, L.H. Brush management on semi-arid tropical rangelands: implications for improved caatinga management. Sobral: EMBRAPA-CNPC/SR-CRSP, 1981. 35p.</p> <p>Heady, H. F. Rangeland Management. New York: McGraw-Hill, 1975. 460p.</p> <p>Makkar, H. P. S. Effects and fate of tannins in ruminant animals, adaptation to tannins, and strategies to overcome detrimental effects of feeding tannin-rich feeds. <i>Small Ruminant Research</i>, v.49, p.241-256, 2003.</p> <p>Santos, S. A. et al. Simulações de estimativa da capacidade de suporte das áreas de campo limpo da Sub-região da Nhecolândia, Corumbá: Embrapa Pantanal, 2003. 22 p. (Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento / Embrapa Pantanal.</p> <p>Stoddart, L. A.; Smith, A. D.; Box, T. W. Range management. New York: McGraw-Hill, 1975. 366p.</p>
PERIÓDICOS	<p>Revista Cubana Ciencias y agricultura</p> <p>Patures tropicales</p> <p>Animal Feed Science and Technology</p> <p>Pesquisa Agropecuária Brasileira</p> <p>Journal Range Management</p> <p>R. Range ecologg</p> <p>The Australian Goat World</p>

DISCIPLINA:	TÓPICOS ESPECIAIS EM CONSERVAÇÃO DE RECURSOS GENÉTICOS ANIMAIS (CÓDIGO CRG25)
EMENTA:	Troncos originários das principais espécies domésticas; Estratégia global para a conservação dos recursos genéticos animais; Planejamento de programas de conservação animal; Conservação, preservação e melhoramento genético; Caracterização morfológica e

	produtiva dos recursos genéticos animais; Estrutura dos bancos de germoplasma e sua integração nos programas de conservação; Métodos de Conservação: “In situ” e “Ex situ”; Estratégias de conservação em áreas naturais e em bancos de germoplasma.
OBJETIVO	Subsidiar o aluno para a compreensão da teoria subjacente à conservação, manejo e exploração dos recursos genéticos de estoques de animais selvagens e domésticos. Demonstrar a aplicabilidade dos recursos genéticos na inovação biotecnológica.
PROGRAMA	Biodiversidade em nível genético; quantificação da variabilidade genética; resolução de incertezas taxonômicas; tamanho efetivo populacional; forças microevolutivas estocásticas versus determinísticas; efeitos da diminuição demográfica populacional: perda de variabilidade genética e depressão endogâmica; derretimento genético e expurgo de alelos deletérios; corredores ecológicos, efeito resgate e depressão exogâmica; hibridização e introgressão; genética da colonização e de espécies invasoras, manejo ex situ e in situ; adaptação genética ao cativeiro e reintroduções; bioprospecção e noções de propriedade intelectual.
BIBLIOGRAFIA	FEREIRA, M.E.; GRATTAPAGLIA, D. Introdução ao Uso de Marcadores Moleculares em Análise Genética. Brasília: Embrapa-Cenargen, 1998. GAMA, L.T. Melhoramento Genético Animal. Ed. Escobar. 2006. 306 p. MARIANTE, A. DA S.; CAVALCANTE, N. Animais do descobrimento: raças domésticas da história do Brasil. 2. ed. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. 274 p. il. PEREIRA, J.C.C. Melhoramento Genético Aplicado à Produção Animal. FEP MVZ Editora. 2008. 618 p.
PERIÓDICOS	Animal Genetic Resources Information Animal Genetics Arquivos Brasileiros de Medicina Veterinária e Zootecnia Journal of Animal Science Livestock Production Science Revista Brasileira de Reprodução Animal (CBRA) Revista Brasileira de Zootecnia (SBZ)

DISCIPLINA:	TÓPICOS ESPECIAIS EM FORMULAÇÃO DE RAÇÃO (CÓDIGO TEF27)
EMENTA:	Avaliar a composição química dos alimentos, sua biodisponibilidade nos animais e respostas do animal em função de sua utilização na dieta com vistas ao ajuste de dietas para ruminantes com base nas tabelas de exigências nutricionais internacionais e trabalhos desenvolvidos no Brasil. Como formular rações de custo mínimo, para arraçamento das principais espécies de animais domésticos, utilizando o método de equações algébricas e no uso de programas de cálculo de rações de custo mínimo por computador, bem como a implementação de planilhas eletrônicas no ajuste das dietas.
OBJETIVO	Capacitar o aluno para formulação, utilizando programação linear, e produção de rações e de suplementos que atendam às necessidades nutricionais dos animais domésticos com qualidade e menor custo. Ensinar ao estudante conceitos de boas práticas de produção, com o intuito de valorizar a preservação ambiental e a saúde dos animais e do homem.
PROGRAMA	TEÓRICO: 1. Apresentação da disciplina: seus objetivos, metodologia, bibliografia e avaliações. 2. Introdução: 2.1. Importância da alimentação, seus aspectos nutricionais, ambientais e econômicos. 2.2. Evolução nos últimos anos. 3. Abordagens sobre ingredientes das rações: 3.1. Principais ingredientes utilizados. 3.2. Características físico-químicas e microbiológicas. Padrões de qualidade. 3.3. Ingredientes básicos e eventuais. Recomendações de uso. 3.4. Limitações de uso: físicas, químicas e nutricionais. 3.5. Legislação atual. 4. Exigências nutricionais dos animais: tabelas e equações de determinações. 5. Formulação de rações e de suplementos utilizando programas de computador. 6. Produção de rações e de suplementos: 6.1. Equipamentos. 6.2. Armazenamento dos ingredientes e dos produtos acabados. 6.3. Processos de produção na

	<p>fábrica. 7. Manual de boas práticas de produção: 7.1. Descrição. 7.2. Informações necessárias. 7.3. Procedimentos operacionais padrões. 7.4. Relatório técnico de produto isento de registro. 7.5. Rótulos.</p> <p>PRÁTICO: 1. Programas lineares para formulações de rações. 2. Formulação de rações para aves de corte. 3. Formulação de rações para aves de postura. 4. Formulação de rações para suínos. 5. Formulação de rações para bovinos de corte. 6. Formulação de rações para bovinos de leite. 7. Formulação de rações para equinos. 8. Formulação de suplementos. 9. Visita a fábricas de rações. 10. Preparo de rações e de suplementos.</p>
BIBLIOGRAFIA	<p>AGRICULTURAL AND FOOD RESEARCH COUNCIL. A reappraisal of the calcium and phosphorus requirements of sheep and cattle. Report Nº 6. Nutrition Abstracts and Reviews. Aberdeen: C.A.B. International, 1991.</p> <p>AGRICULTURAL RESEARCH COUNCIL. The nutrient requirement of ruminant livestock. London: Commonwealth Agricultural Bureaux, 1980. 351 p.</p> <p>AGRICULTURAL RESEARCH COUNCIL. Energy and Protein requirements of Ruminants. An advisory manual prepared by the AFRC Technical Committee on Responses to Nutrients., 1995. 176 p.</p> <p>CAMPOS, J. Tabelas para cálculo de rações IU/UFV, Viçosa, 1981, 64 p.</p> <p>NATIONAL RESEARCH COUNCIL, Nutrient requirements of beef cattle (1996), Dairy Cattle (2001), Washington, National Academy of Science.</p> <p>NUNES, I.J. Cálculo e avaliação de rações e suplementos. FEP-MVZ. Editora, Belo Horizonte, 1998, 185 p.</p> <p>TEIXEIRA, A.S. Alimentos e alimentação dos animais. UFLA/FAEPE, 1997, 402 p.</p>

DISCIPLINA:	TÓPICOS ESPECIAIS EM BIOCLIMATOLOGIA (CÓDIGO TBC023)
EMENTA:	Esta disciplina tratará de assuntos relevantes e atuais na área de Bioclimatologia, publicados em periódicos de conceito B1, A2 e A1; apresentação e discussão de projetos e artigos científicos, não tratados por disciplina da área de concentração, de interesse para a realização de trabalhos de pesquisa e extensão na área de conforto térmico, zootecnia de precisão e bem estar animal.
OBJETIVO	Transmitir conhecimentos na área de concentração, de interesse para a realização de trabalhos de pesquisa e extensão na área de conforto térmico, zootecnia de precisão e bem estar animal.
PROGRAMA	<ol style="list-style-type: none"> 1. Levantamento bibliográfico na área de interesse de cada aluno, utilizando o Portal da de Periódicos da CAPES, com objetivo de fundamentar bem os projetos de Dissertação ou de Teses. 2. Apresentação e discussão dos artigos de maior impacto científico e os mais recentes, visando melhorar a qualidade dos projetos e dos artigos a serem produzidos. 3. Conceitos da Zootecnia de Precisão, as técnicas mais atualizadas e que possam ser usadas ou adaptadas para aplicação à pecuária no semiárido. 4. Termografia de infravermelho aplicada nos estudos de adaptação dos animais e identificação das condições térmicas das instalações zootécnicas. 5. Práticas com Câmera termográfica no laboratório de Bioclimatologia e nos experimentos de campo. 6. Técnicas de capturas de imagens termográficas e Digitais. 7. Práticas com os equipamentos registradores automáticos (Dataloggers). 8. Práticas com o Software HOBOWare Pro Trial, para a leitura e manipulação dos dados registrados no Datalogger. 9. Práticas com o Software SmartView®. 10. Transferir imagens termográficas para um computador e gerenciá-las.

	<p>11. Otimizar e analisar imagens de infravermelho e luz visível.</p> <p>12. Criar e imprimir relatórios detalhados, de qualidade profissional.</p>
BIBLIOGRAFIA	<p>BAÊTA, F. da C.; SOUZA, C. de F. <i>Ambiência em edificações rurais: Conforto animal</i>. Viçosa, MG: UFV, 1997. 246p.</p> <p>CAMPOS, A.T. et al. Caracterização do microambiente em secção transversal de um galpão do tipo “free-stall” orientado na direção norte-sul. <i>Engenharia Agrícola</i>, v.24, n.1, p.1-8, 2004.</p> <p>GOMES, C.A.V. et al. Efeito do ambiente térmico e níveis de suplementação nos parâmetros fisiológicos de caprinos Moxotó. <i>Revista Brasileira de Engenharia Agrícola Ambiental</i>, v.12, n.2, p.213–219, 2008.</p> <p>NONAKA, I. et al. Effects of high environmental temperatures on physiological and nutritional status of prepubertal Holstein heifers. <i>Livestock Science</i>, v.113, n.1, p.14-23, 2008.</p> <p>OLIVEIRA, A.S. et al. Identificação e quantificação de indicadores-referência de sistemas de produção de leite. <i>Revista Brasileira de Zootecnia</i>, v.36, n.2, p.507-516, 2007.</p> <p>SILVA, R.G. <i>Biofísica Ambiental: Os animais e seu ambiente</i>. Jaboticabal: FUNEP, 2008. 393p.</p> <p>SILVA, R.G. <i>Introdução à bioclimatologia animal</i>. São Paulo: Nobel, 2000. 286p.</p> <p>SILVA, R.G. Um Modelo para a Determinação do Equilíbrio Térmico de Bovinos em Ambientes Tropicais. <i>Revista Brasileira de Zootecnia</i>, v.29, n.4, p.1244-1252, 2000.</p> <p>SOUZA, B.B. et al. Parâmetros fisiológicos e índice de tolerância ao calor de bovinos da raça Sindi no semi-árido paraibano. <i>Ciência e Agrotecnologia</i>, v.31, n.3, p.883 - 888, 2007.</p> <p>SOUZA, B.B. et al. Temperatura superficial e índice de tolerância ao calor de caprinos de diferentes grupos raciais no semi-árido nordestino. <i>Ciência e Agrotecnologia</i>, v.32, n.1, p.275-280, 2008.</p> <p>TUCKER, C.B. et al. Effect of solar radiation on dairy cattle behavior, use of shade and body temperature in a pasture-based system. <i>Applied Animal Behaviour Science</i>, v.109, n.1, p.141-154, 2008.</p>
PERIÓDICOS	<p>Animal Science Journal</p> <p>Animal Welfare</p> <p>Applied Animal Behaviour Science (Print)</p> <p>Applied Biochemistry and Biotechnology</p> <p>Archivos de Zootecnia</p> <p>Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia (Online)</p> <p>Ciência e Agrotecnologia (Online)</p> <p>Journal of Animal Science</p> <p>Journal of Dairy Science</p> <p>Journal of Thermal Biology</p> <p>Physiology & Behavior</p> <p>Revista Brasileira de Zootecnia / Brazilian Journal of Animal Science</p>

DISCIPLINA:	TÓPICOS ESPECIAIS EM CARÇAÇA DE PEQUENOS RUMINANTES (CÓDIGO TCPR24)
EMENTA:	Definições e obtenção de carcaças; rendimentos de carcaças; avaliação das características quantitativas de carcaças; avaliação das características qualitativas de carcaças; classificação e tipificação de carcaças ovinas e caprinas.
OBJETIVO	Capacitar os alunos na avaliação dos diversos aspectos quantitativos e qualitativos de carcaças, tornando-os capazes de realizar uma adequada classificação e tipificação das carcaças ovinas e caprinas.
JUSTIFICATIVA	Com cerca de 1,4% do plantel de ovinos, o rebanho brasileiro conta com cerca de 14 milhões de cabeças. Além de ser numericamente inexpressivo, a produtividade do rebanho

	nacional ainda é muito baixa e o produto final, que é a carcaça, tem oferta nacional e é de qualidade inferior. Além dessa oferta não atender a demanda, tanto do ponto de vista quantitativo, como qualitativo, há um crescimento acentuado da demanda pelos produtos oriundos da ovinocultura de corte, notadamente a carne e a pele. Há, portanto, a necessidade de implementação de novas tecnologias que aumentam não só a quantidade, mas também a qualidade da carcaça ofertada ao mercado consumidor.
AValiação	As avaliações do aprendizado serão realizadas por meio de provas escritas e práticas, usando como critério a média aritmética dessas provas.
PROGRAMA	1. Introdução à experimentação; 2. Princípios básicos da experimentação; 3. Teste F; 4. Testes de comparação de médias de tratamentos experimentais; 4.1. teste “t” de Student; 4.2. teste de Tukey; 4.3. teste de Duncan; 4.4. teste de Scheffé; 4.5. teste SNK; 4.6. teste de Dunnet; 5. Delineamentos experimentais, com ênfase às peculiaridades de ensaios com animais; 5.1. Delineamento inteiramente casualizado; 5.2. Delineamento em blocos casualizados; 5.3. Delineamento em quadrado latino; 5.4. Delineamento em Parcelas Subdivididas; 5.5. Arranjo fatorial de tratamentos.
BIBLIOGRAFIA	BOGGS, D.L.; MERKEL, R.A.; DOUMIT, M.E. Livestock and carcasses . Na integrated approach to evolution, grading and selection. Kendall: Huntpublishing company, 1998. 259p. BUTTERFIELD,R.M. New concepts of sheep growth . Sidney-Australia: Departamento of veterinary Anatomy, University of Sidney, 1988.259 p. CAÑEQUE, V.; SAÑUDO, C. Metodologia para el estudio de la calidad de la canal y de la carne em ruminantes . Ministério de Ciência e Tecnologia. Instituto Nacional de Investigación y Tecnología Agraria y Alimentaria (INIA). Madrid, España. 2000,255 p. CEZAR, M. F.; SOUSA, W. H. Carcaças ovinas e caprinas – Obtenção, avaliação e classificação . Uberaba-MG: Editora Agropecuária Tropical. 231 p.2007 COLOMER-ROCHER, F.; MORAND-FEHR, P.; KIRTON, A.H.; ET AL. Métodos normalizados para El Studio de los caracteres cuantitativos y cualitativos de lãs canales caprinas y ovinas . Cadernos INIA, 17. Madrid-España,, 1988. 41p. LUCHIARI FILHO, A. Pecuária da carne bovina. São Paulo: LUCHIARI FILHO, A. 134p. 2000. MÜLLER, L. Normas para avaliação de carcaças e concursos de carcaças de novilhos . Santa Maria-RS: Universidade Federal de Santa Maria; Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, 1980, 31p. NEW ZEALAND SOCIETY OF ANIMAL PRODUCTION. Meat production and processing . Occasional publication nº 10 Purchas, R. W.; Butler-Hogg, B.W. Davies, a. S. (Eds). Hamilton, New Zealand, 1989, 230p. OSÓRIO, J.C.S.; OSÓRIO, M.T.M. Produção de carne ovina: Técnicas de avaliação “in vivo” e na carcaça . Pelotas – RS: UFPEL, 2003. 73p. SAVELL, J.W.; SMITH, G.C. Laboratory manual of meat science . Boston: American Press. 1998. 230 p.
PERIÓDICOS	Animal Production Animal Food Science Journal of Animal Science Livestock Production Science Meat Science Revista Pesquisa Agropecuária Brasileira Revista Ciência Rural Small Ruminant Research

DISCIPLINA:	TÓPICOS ESPECIAIS EM FISIOLÓGIA DO CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO DE ANIMAIS DE INTERESSE ZOOTÉCNICO (CÓDIGO CAIZ26)
--------------------	--

EMENTA:	Introdução ao crescimento e desenvolvimento animal; Organização tecidual durante a fase embrionária; Miogênese; Crescimento e desenvolvimento muscular pós-natal; Fatores que interferem no desenvolvimento muscular pós-natal; Plasticidade da fibra muscular; Ganho compensatório; Regulação hormonal do crescimento; Regulação nutricional do crescimento.
OBJETIVO	Proporcionar aos discentes conhecimentos teóricos e práticos para compreensão dos princípios do crescimento e desenvolvimento animal; elucidar a partir destes conhecimentos adquiridos os principais fatores limitantes à produção animal, relativo ao crescimento e desenvolvimento; permitir que os discentes desenvolvam senso crítico para questionar os princípios de produção animal dos sistemas vigentes, e proponham novas alternativas para maximizar a produção animal.
PROGRAMA	<ol style="list-style-type: none"> 1. Introdução ao crescimento e desenvolvimento animal <ol style="list-style-type: none"> 1.1. Diferenciação entre crescimento e desenvolvimento animal 1.2. Variação de crescimento e desenvolvimento entre as espécies 1.3. Taxa de crescimento e desenvolvimento entre as espécies 2. Organização tecidual durante a fase embrionária <ol style="list-style-type: none"> 2.1. Embriogênese 2.2. Diferenciação tecidual durante a fase embrionária 3. Miogênese <ol style="list-style-type: none"> 3.1. Origem das células musculares progenitoras 3.2. Fatores genéticos de regulação muscular 3.3. Maturação das fibras musculares 3.4. Miofibrillogênese 4. Crescimento e desenvolvimento muscular pós-natal <ol style="list-style-type: none"> 4.1. Síntese de proteína muscular 4.2. Degradação de proteína muscular 4.3 Taxa de deposição de proteína muscular 5. Fatores que afetam o crescimento muscular pós-natal <ol style="list-style-type: none"> 5.1. Espécie animal 5.2. Sexo 5.3. Idade 5.4. Raça e seleção genética 5.5. Nutrição pré-natal 6. Plasticidade da fibra muscular <ol style="list-style-type: none"> 6.1. Organização e classificação das fibras musculares 6.2. Plasticidade da fibra muscular 7. Ganho compensatório <ol style="list-style-type: none"> 7.1. Caracterização do ganho compensatório 7.2. Fatores que afetam o ganho compensatório 7.3. Componentes do ganho compensatório 7.4. Ganho compensatório e problemas de interpretação 8. Regulação hormonal do crescimento <ol style="list-style-type: none"> 8.1. Hormônios e metabolismo: modos de ação 8.2. Hormônios relacionados ao crescimento animal 9. Regulação nutricional do crescimento <ol style="list-style-type: none"> 9.1. Influência da nutrição sobre a miogênese 9.2. Influência da nutrição sobre o crescimento e desenvolvimento muscular pós-natal 10. Avaliação de aprendizagem discente
BIBLIOGRAFIA	GERRARD, D.E.; GRANT, A.L. Principles of animal growth & development. Dubuque, Iowa:

	<p>Kendall/Hunt Publishing Company, 2006. 264p.</p> <p>HOSSNER, K.L. Hormonal regulation of farm animal growth. Wallingford, UK: CAB Publishing, 2005. 231p.</p> <p>LAWRENCE, T.J.L.; FOWLER, V.R. Growth of farm animals. 2th ed. Wallingford, UK: CAB Publishing, 2002. 360p.</p> <p>PAS, M.F.W.; EVERTS, M.E.; HAAGSMAN, H.P. (Eds.) Muscle development of livestock animals: Physiology, genetics and meat quality. Wallingford, UK: CAB Publishing, 2004. 419p.</p> <p>SQUIRES, E.J. Applied animal endocrinology. Wallingford, UK: CAB Publishing, 2003. 252p.</p> <p>SWENSON, M.J.; REECE, W. O. Dukes – Fisiologia dos animais domésticos. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 946 p.</p>
PERIÓDICOS	<p>Journal of Animal Science</p> <p>Journal of Animal Science and Technology</p> <p>Meat Science</p>

DISCIPLINA:	TÓPICOS ESPECIAIS EM QUALIDADE E SEGURANÇA DOS ALIMENTOS DE ORIGEM ANIMAL (CÓDIGO QSAA28)
EMENTA:	Introdução à microbiologia dos alimentos; fatores intrínsecos e extrínsecos no desenvolvimento microbiano; genética de microrganismos; principais grupos de microrganismos relacionados aos alimentos de origem animal; legislação; planos de amostragem para análises microbiológica; métodos para identificação e detecção de microrganismos; microrganismo emergentes de interesse nos alimentos; boas práticas de fabricação (BPF/GMP); procedimentos padrões de higiene operacional (PPHO/SSOPs)
OBJETIVO	Ao final da disciplina, os discentes deverão conhecer os fatores intrínsecos e extrínsecos que controlam o desenvolvimento microbiano dos alimentos, os principais microrganismos patogênicos e deteriorantes dos alimentos e a sua influência na saúde do consumidor, bem como os métodos de controle microbiológico dos alimentos de origem animal, as técnicas aplicadas à microbiologia dos alimentos, com base na Legislação vigente e os métodos de controle de qualidade na cadeia produtiva dos alimentos.
JUSTIFICATIVA	A disciplina tem por objetivo trabalhar na linha dos aspectos de qualidade e segurança dos alimentos de origem animal, com o propósito de apresentar aos discentes a importância da microbiologia dos alimentos, especialmente os de origem animal, sua influência na saúde do homem, bem como os impactos ambientais, sociais e econômicos que a segurança dos alimentos pode representar na sociedade.
PROGRAMA	<ol style="list-style-type: none"> 1. Introdução à Microbiologia dos Alimentos 2. Fatores extrínsecos e intrínsecos que controlam o crescimento bacteriano 3. Genética de microrganismos 4. Bactérias patogênicas transmitidos pelos alimentos: Enterobactérias (<i>Salmonella</i>, <i>Shigella</i> e <i>Escherichia</i>), <i>Víbrios</i>, <i>Yersínia</i>, <i>Campylobacter</i> 5. Bactérias patogênicas transmitidas pelos alimentos: <i>Listéria</i>, <i>Staphylococcus aureus</i>, <i>Clostrídios</i>, <i>Bacillus</i> 6. Protozoários transmitidos pelos alimentos; 7. Helmintos transmitidos pelos alimentos; 8. Vírus transmitidos pelos alimentos; 9. Micotoxinas presentes nos alimentos de origem animal; 10. Legislação vigente sobre qualidade e segurança dos alimentos de origem animal; 11. Microrganismos indicadores - Amostragem, padrões microbiológicos; 12. Análises microbiológicas dos alimentos: pesquisa dos microrganismos indicadores de qualidade dos alimentos de origem animal;

	<p>13. Deterioração microbiana de leite, carne, frango, ovos, pescados e seus derivados;</p> <p>14. Importância da qualidade microbiológica da água na cadeia produtiva dos alimentos.</p>
BIBLIOGRAFIA	<p>FRANCO, B. G. M. Microbiologia dos Alimentos. São Paulo, ed. Atheneu, 1999</p> <p>JAMES, M. J. Microbiologia moderna de los alimentos. Zaragoza (Espana): Acribia, 4º ed. 1994</p> <p>SILVA, N.; JUNQUEIRA, V.C.A. ;SILVEIRA, N. F. A. Manual de métodos de análise microbiológica de alimentos, São Paulo, Varela, 1997</p> <p>JAY, JAMES, M. Microbiologia de alimentos. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.711p.: il.</p> <p>RIEDEL, GUENTHER. Controle sanitario dos alimentos. 3.ed. São Paulo: Atheneu, 2005.455p.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>FRAZIER, W. C. WESTHOF, D. C. Food Microbiology, 4o ed McGraW-Holl, p. 17- 58, 1988.</p> <p>EVANGELISTA, J. Tecnologia de alimentos. Porto Alegre: Artmed, 2005. 293p.</p> <p>http://www.agricultura.gov.br/</p> <p>https://saude.gov.br/</p>

DISCIPLINA:	TÓPICOS ESPECIAIS EM REVISÃO SISTEMÁTICA E METAANÁLISE EM MEDICINA VETERINÁRIA (CÓDIGO RSMV51)
EMENTA:	A partir de uma revisão sistemática, pode-se realizar estimativas combinadas de parâmetros, denominadas “Meta-análise”. Na área de medicina veterinária preventiva, a aplicabilidade de revisões sistemáticas com meta-análise é alta em estudos como: sensibilidade e especificidade de estes diagnósticos, estimativas de prevalências, incidências e estudos de fatores de risco associados a doenças, etc.
OBJETIVO	<p>Oferecer uma abordagem técnico-prática das metodologias de revisão sistemática e meta-análise aplicadas á medicina veterinária.</p> <p>Espera-se que os alunos sejam capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - dominar o tema /problemática de pesquisa de sua dissertação/tese - identificar e utilizar as bases bibliográficas de importância na área de medicina veterinária; - realizar revisões bibliográficas; - avaliar probabilidade de vieses de pesquisa em publicações em medicina veterinária; - estabelecer estratégias de controle de eventuais vieses; - realizar meta-análise de estudos através de modelos.
JUSTIFICATIVA	Com o volume de publicações na área de medicina veterinária, a realização de estudos já existentes ou com objetivos similares e repetições metodológicas é frequente. Atualmente, existe metodologia específica para que revisões de literatura sejam realizadas com qualidade, de forma que garanta a autenticidade e relevância dos estudos a serem realizados por alunos de pós-graduação. Tais metodologias são denominadas “Revisões Sistemáticas”. Esta disciplina visa dar suporte para que os alunos de pós-graduação sejam aptos a realizar revisões de literatura com qualidade, possivelmente, possam realizar estimativas de meta-análise.
PROGRAMA	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação da disciplina; 2. Introdução a revisão sistemática; 3. Elaboração da pergunta e estratégias de busca; 4. Registro e armazenamento das pesquisas; 5. Análise de qualidade dos estudos; 6. Conceito em estatística e epidemiologia; 7. Variabilidade entre estudos e viés da produção
CONTEÚDO	1. Introdução á revisão sistemática

	<p>2. Conceitos de variabilidade entre estudos, viés de publicação, heterogeneidade</p> <p>3. Técnicas de combinação e gerenciamento de estudos</p> <p>4. Revisão sistemática x Revisão narrativa</p> <p>5. Análise de qualidade de estudos</p> <p>6. Introdução à metanálise</p> <p>7. Modelos de efeito fixo e efeito aleatório</p>
BIBLIOGRAFIA	<p>Egger M, Davey Smith G, Altman DG (eds). Systematic Reviews in Health care: Meta-analysis in context. 2001. London: BMJ books.</p> <p>Mithar et al. Quality of Reporting of Meta-analyses (QUORUM) consensus statement. Lancet 1999; 354:1896-1900.</p> <p>Wolfgang Viechtbauer (2010). Conducting meta-analyses in R with the metafor package. Journal of Statistical Software, 36(3), 1-48.</p> <p>Guido Schwarzer (2014). Meta: Meta-Analysis with R. R packge version 3.6-0.</p>